

Anarquia e Cristianismo

Jacques Ellul

Nota do tradutor

Desde já adianto que este é um trabalho amador. O meu, não o de Jacques Ellul. Quando comecei a ler o livro, após o terceiro ou o quarto parágrafo, já pensava “fulano, sicrano e beltrano deviam ler este livro!”, mas eu sabia que eles talvez não tivessem tempo, paciência ou mesmo o conhecimento para um livro em inglês. Aí começou a minha vontade traduzi-lo.

Obviamente, não pensei nesse trabalho apenas para meus amigos, mas para que esta obra pudesse atingir mais pessoas, que ela se tornasse mais acessível, e essa é a minha única intenção. Que através destas linhas, mais e mais pessoas se tornem conscientes do amor de Deus, e, aquelas que já O conhecem, que possam se tornar livres da opressão que vivemos.

Tentei passar ao leitor o que eu também aprendi ao traduzir esta obra. Todas as anotações que eu fiz, simbolizei com o (N. do T.), as demais, são todas de Ellul.

Agradeço aqui ainda, a Deus, pelo seu amor, pela libertação e pelas minhas capacidades. Agradeço também à minha companheira e esposa, Cibele, que da maneira dela, esteve ao meu lado me apoiando, me ouvindo falar sobre o livro incessantemente, e, de noite, ao dormir, não se incomodou com o tec-tec das teclas do computador.

“... e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (Jo 8:32)

Filipe Ferrari, 13 de agosto de 2009 – filipe.ferrari@gmail.com

INTRODUÇÃO

A questão que estou querendo discutir aqui, é muito difícil, pois opiniões firmes têm sido alcançadas por ambos os lados e nunca foram sujeitadas a um mínimo exame. É tido como certo que anarquistas são hostis a todas as religiões (e cristianismo é classificado como uma). Também é garantido que cristãos devotos abominam a anarquia como fonte de desordem e negação de uma autoridade estabelecida. São essas crenças simplistas e incontestadas que me proponho a mudar. Entretanto, pode ser útil dizer de onde eu venho, como os estudantes costumavam dizer em 1968. Sou cristão, não por ascendência, mas por conversão.

Quando era jovem, tinha um horror por movimentos fascistas. Demonstrei contra as “Cruzes em chamas”¹ em 10 de fevereiro de 1934. Intelectualmente, eu era muito influenciado por Marx. Eu não nego que isto foi devido mais a considerações familiares do que intelectuais. Meu pai perdeu o emprego depois da crise de 1929, e tivemos que aprender como era estar desempregado em 1930. Também houveram circunstâncias individuais. Como estudante, entrei em conflito com a polícia (em greves, por exemplo), e comecei a abominar não só o sistema capitalista como também o Estado. A descrição nietzschiana do Estado como o monstro mais indiferente de todos os monstros indiferentes me pareceu ser básica.

Embora eu gostasse das análises de Marx, incluindo sua visão de uma sociedade na qual o Estado seria extinguido, foram parcós os meus contatos com comunistas. Eles me enxergavam como um pequeno-burguês intelectual, pois eu não demonstrava total respeito pelas ordens de Moscou, e os considerava insignificantes, pois não demonstravam ter um verdadeiro conhecimento do pensamento de Marx. Eles leram o manifesto de 1848, e foi tudo. Eu rompi com eles totalmente depois dos ensaios de Moscou, não favoráveis a Trotsky, pelos marinheiros de Cronstadt² e o governo Makhno me pareceu ser verdadeiramente revolucionário, e não pude perdoar seu esmagamento, assim como não pude acreditar que os grandes companheiros de Lênin eram traidores, anti-revolucionários, etc. Para mim, a condenação dos marinheiros foi simplesmente outra manifestação do monstro indiferente. Também vi que houve, sem grandes dificuldades, uma transição da ditadura do proletariado à uma ditadura sobre o proletariado. Posso garantir que ninguém que estivesse disposto poderia perceber em 1935 e 1936, o que seria denunciado vinte anos depois. Ademais, nada havia sobrado dos dois princípios básicos do internacionalismo e do pacifismo, que deveria ter resultado em anti-nacionalismo.

Minha admiração por Marx também foi atingida pelo seguinte fato. Ao mesmo tempo em que eu lia Marx, também lia Proudhon, que não me impressionava tanto, mas que eu gostava

¹ Aqui, no original “Fiery Cross”, creio se tratar dos movimentos da KKK nos EUA. (N. do T.)

² Levante de marinheiros que ocorreu em 1921 em Petrogrado. Os insurretos demandavam melhores pagamentos e mais comida. Quando uma delegação que os representava foi se encontrar com Trotsky em Moscou, este os mandou prender por insurreição. Quando Trotsky ordenou aos oficiais da frota que suspendessem as agressões, estes prenderam agentes do governo soviético. (N. do T.)

muito, então me escandalizei com a atitude de Marx em relação a ele em sua disputa³. Por fim, o que me levou a detestar comunistas foi a sua postura durante a Guerra Civil Espanhola, e o terrível assassinato dos anarquistas de Barcelona.

Muitas coisas, incluindo contatos naquele tempo com anarquistas espanhóis, me atraíram para o anarquismo. Mas havia um obstáculo insuperável – eu era cristão. Eu vim de encontro a este obstáculo toda minha vida. Por exemplo, em 1964, fui atraído por um movimento muito próximo do anarquismo, o situacionismo. Tive muitos contatos amigáveis com Guy Debord, e um dia eu perguntei abruptamente se eu poderia me juntar ao seu movimento e trabalhar com ele. Guy respondeu que poderia perguntar aos seus camaradas. Sua resposta foi franca. Como eu era um cristão, não poderia pertencer ao seu movimento. De minha parte, não poderia renunciar minha fé. Reconciliar as duas coisas não era um problema fácil. Era possível conceber ser um cristão e um socialista. Houve um socialismo cristão por muitos anos, e aproximadamente em 1940 um socialismo moderado clamou seus ensinamentos morais da Bíblia. Mas parecia difícil ir além disso. Dos dois lados a incompatibilidade parecia ser absoluta.

Embarquei então em uma longa jornada espiritual e intelectual, não para reconciliar as duas posições, mas para ver se eu estava esquizofrênico. O estranho resultado foi que quanto mais eu estudava e mais eu entendia seriamente a mensagem bíblica em sua totalidade (e não simplesmente o “evangelho gentil” de Jesus), mais eu via o quanto impossível era conceder simples obediência ao Estado, e como havia na Bíblia uma orientação para um certo anarquismo. Naturalmente, era uma visão pessoal. Nesse ponto, reparti a companhia com o teólogo que havia me formado, Karl Barth, que continuava a defender a validade da autoridade política. Mas durante os últimos anos, passei por outros estudos apontando na mesma direção, especialmente nos EUA: Murray Bookchin, que claramente admite que a origem do cristianismo estava no pensamento anarquista, e Vernand Eller. Não devo esquecer o pioneiro, Henri Barbusse, que não era um anarquista de fato, mas cujo trabalho sobre Jesus mostrava claramente que Jesus não era um simples socialista, mas um anarquista – e quero salientar aqui que considero o anarquismo como a forma mais completa e mais séria de socialismo. Devagar então, e por conta própria, não emocionalmente, mas intelectualmente, cheguei à minha presente posição.

Preciso esclarecer mais um ponto antes de começar meu assunto. Qual é o meu propósito ao escrever estas páginas? Penso que isso é importante para evitar qualquer equívoco. Primeiro, isso deve ficar claro, não tenho nenhum objetivo proselitista. Não estou tentando converter anarquistas à fé cristã. Isto não é simplesmente uma questão de honestidade. Repousa em bases bíblicas. Por séculos as igrejas têm pregado que devemos escolher entre danação e conversão. Com bons pregadores e missionários zelosos, conversões têm acontecido a todo custo para salvar almas. Ao meu ver, entretanto, isso é um erro. Para ter certeza, há versículos que nos dizem que ao crermos, seremos salvos. Mas o

³ Proudhon escreveu o *Sistemas de contradições econômicas ou filosofia da miséria*, onde criticou o autoritarismo comunista e defendeu um estado descentralizado. Marx, que admirava Proudhon, leu a obra, não gostou, e respondeu a Proudhon em 1847 com *Miséria da filosofia*, decretando o rompimento de relações entre ambos. (N. do T.)

ponto fundamental aqui é esquecido, de que não devemos pegar versículos fora de seu contexto (a história ou o argumento) ao qual pertencem. Minha crença própria é de que a Bíblia proclama uma salvação universal na qual Deus em graça garante a todos nós. Mas o que dizer de conversão e de fé? Isso é outra questão. Não tem muito a ver com salvação, a despeito do senso comum. Isso é uma tomada de responsabilidade. Depois da conversão, nos comprometemos com um certo padrão de vida e a um certo dever que Deus requer de nós. Assim, aderir a fé cristã não é de forma alguma um privilégio em relação a outras pessoas, mas uma responsabilidade a mais, um novo trabalho. Não estamos, então, a empenhar-nos no proselitismo.

Por outro lado, não estou de maneira alguma tentando dizer aos cristãos que eles devem tornar-se anarquistas. Meu ponto é simplesmente esse. Entre as opções políticas, se eles tivessem um caminho político, não deveriam excluir o anarquismo de primeira, ao meu ver, ele parece ser a posição mais próxima do pensamento bíblico. Naturalmente, sei que tenho poucas chances de ser ouvido, pois não é fácil ignorar preconceitos seculares inveterados. Devo também dizer que meu objetivo não é que os cristãos devam tomar essa posição como um dever, pois novamente, apesar da visão de muitos séculos, a fé cristã não nos traz um mundo de deveres e obrigações, mas sim uma vida de liberdade. Não sou eu quem digo isso, mas Paulo em muitos lugares (por exemplo: 1 Coríntios).⁴

Terceiro, não estou tentando reconciliar as duas formas de pensamento e de ação, duas atitudes de vida, as quais eu mantendo. Agora que o cristianismo não é mais dominante na sociedade, é uma mania estúpida da parte dos cristãos agarrar-se a esta ou aquela ideologia e abandonar aquilo que os embaraça no cristianismo. Por isso, muitos cristãos tornaram-se stalinistas após 1945. Eles enfatizaram qualquer coisa que o cristianismo dissesse sobre a pobreza, justiça social, sobre tentativas de mudar a sociedade e negligenciaram o que achavam desconfortável – a proclamação da soberania de Deus e a salvação em Jesus Cristo. Nos anos 1970, vimos a mesma tendência nas chamadas teologias da libertação. De uma forma extrema, foi encontrada a possibilidade de associação com movimentos revolucionários sul-americanos. Qualquer pessoa pobre era supostamente idêntica a Jesus Cristo. Assim, não há problema. Ao evento de dois mil anos atrás, pouca atenção é dada. Essas orientações foram largamente precedidas pelo protestantismo racional do começo do século XX, com suas simples suposições que a ciência sempre está certa, e tem a razão, e que para preservar a Bíblia e o Evangelho, devemos abandonar tudo o que for contrário à ciência e à razão, por exemplo, a possibilidade de Deus ter encarnado em um homem, juntamente com os milagres, a ressurreição, etc.

Finalmente, no nosso tempo, encontramos novamente a mesma atitude conciliatória de abandono de uma parte do cristianismo, dessa vez, em favor do Islã. Cristãos querem apaixonadamente se entender com muçulmanos, e em conversações (das quais eu participei),

⁴ Conforme meu *Ethique de la liberte*, 3 vols. (Geneva: Labor et Fides, 1975-1984) (condensado em tradução inglesa *Ethics of Freedom* [Grand Rapids: Eerdmans, 1976]), no qual mostro que liberdade é a verdade central da Bíblia e que o Deus bíblico é acima de tudo um libertador. Como Paulo diz, é para a liberdade que somos libertos, e Tiago que diz, que a lei perfeita é a liberdade.

insistem fortemente em dois pontos de acordo, por exemplo, que as duas religiões são monoteístas e ambas são religiões do livro⁵, etc. Nenhuma referência é feita ao ponto de conflito, ou seja, Jesus Cristo. Eu me pergunto por que eles ainda chamam sua religião de cristianismo. Leitores estão prevenidos então, que eu não estou aqui para demonstrar um ponto de convergência entre anarquismo e a fé bíblica. Estou defendendo o que eu creio ser o sentido da Bíblia, o que pode se tornar para mim, a verdadeira Palavra de Deus. Acho que dialogando com aqueles que possuem diferentes visões, se for para ser honesto, devemos ser verdadeiros a nós mesmos, e não dissimular ou abandonar o que pensamos. Embora leitores anarquistas possam achar nestas páginas muitas declarações que lhes pareçam chocantes ou ridículas, isso não me preocupa.

O que, então, estou tentando fazer? Simplesmente apagar um grande desentendido pelo qual o cristianismo é culpado. Tem se desenvolvido uma espécie de corpo que praticamente todos os grupos cristãos aceitam, mas que não tem nada em comum com a mensagem bíblica, seja na Bíblia Hebraica, que chamamos de Antigo Testamento, ou nos evangelhos e epístolas do Novo Testamento. Todas as igrejas respeitam escrupulosamente e oferecem suporte à autoridade do Estado. Elas transformaram o conformismo em uma grande virtude. Elas toleraram injustiças sociais e a exploração de pessoas umas pelas outras, declarando que é vontade divina que alguns sejam senhores e outros servos, e que sucesso sócio-econômico é um sinal externo de bênçãos divinas. Elas inclusive transformaram uma Palavra de liberdade e libertação em moralidade, o mais espantoso aqui é que não pode existir uma moral cristã se realmente seguirmos o pensamento evangelizador. O fato é que é muito mais fácil julgar erros de acordo com uma moral estabelecida do que enxergar as pessoas como um todo vivo e entender porque elas agem como agem. Finalmente, as igrejas instituíram um clero equipado com conhecimento e poder, embora isso seja contrário ao pensamento evangelizador, como foi inicialmente realizado quando os clérigos eram chamados de ministros, o *ministério* sendo serviço e o ministro um servo dos demais.

Por isso, devemos eliminar dois mil anos de erros cristãos acumulados, ou tradições enganadas,⁶ e não digo isso como um protestante acusando católicos romanos, pois somos todos culpados pelos mesmos desvios e aberrações. Não quero também dizer que serei o primeiro a fazer esse movimento, ou que eu descobri alguma coisa. Não pretendo ser capaz de desvendar coisas escondidas desde o princípio do mundo. A posição que eu tomo não é novidade no cristianismo. Primeiro irei estudar as fundações da relação entre cristianismo e anarquismo. Então, darei uma olhada na atitude dos cristãos dos três primeiros séculos. Mas o que eu escrevo, não é um ressurgimento súbito após dezessete séculos de obscurantismo. Sempre houve anarquismo cristão. Em todos os séculos houveram cristãos que descobriram a

⁵ Tenho demonstrado em todos os lugares que o Deus da Bíblia realmente não tem nada em comum com Alá. É preciso lembrar que podemos ler o que quisermos na palavra “Deus”. Também tenho demonstrado que apesar de alguns nomes e histórias, a Bíblia e o Corão não possuem nada em comum. (N. do A.)

⁶ Algum tempo atrás eu expliquei esse movimento da Bíblia o qual eu chamo cristianidade, com razões políticas e econômicas, etc.; ver meu *Subversion of Christianity* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

simples verdade bíblica, seja intelectual, mística ou socialmente. Entre eles, há grandes nomes, por exemplo, Tertuliano, Fra Dolcino, Francisco de Assis, Wycliffe, Lutero (exceto por dois erros, de recolocar o poder nas mãos dos príncipes e de apoiar o massacre de camponeses rebeldes), Lamenais, John Bost e Charles de Foucauld.

Para um estudo detalhado recomendo o excelente trabalho de Vernand Eller⁷. Esta obra traz à luz o verdadeiro caráter do anabatismo, que rejeita o poder das regras e que não é apolítico, como comumente se diz, mas verdadeiramente anarquista, ainda com a nuance que cito ironicamente, que os poderes divinos são um flagelo enviado para punir os ímpios. Cristãos, entretanto, se agirem de maneira correta e não forem ímpios, não precisam obedecer autoridades políticas, mas devem se organizar em comunidades autônomas à margem da sociedade e governo. Mesmo com maior rigor e estranhamento, aquele homem extraordinário, Christoph Blumhardt, formulou um anarquismo cristão consistente próximo do fim do século XIX. Pastor e teólogo, ele aderiu à extrema esquerda, mas não se juntou ao debate de tomar o poder. No Congresso Vermelho⁸ ele declarou: “Estou orgulhoso de estar diante de você como um homem; e se a política não consegue tolerar um humano como eu, então a política que se dane!” Essa é a verdadeira essência do anarquismo: tornar-se um ser humano, sim, mas um político, nunca. Blumhardt teve que deixar o partido!

No meio do século XIX Blumhardt foi precedido no caminho anarquista por Kierkegaard, o pai do existencialismo, que não se deixou ser enredado por qualquer poder. Ele é desprezado e rejeitado hoje como um individualista. Para ser claro, ele condenou impiedosamente as massas e toda autoridade, mesmo a baseada na democracia. Uma de suas frases foi “não há engano ou crime mais horrível para Deus do que aqueles cometidos pelo poder. Por que? Porque o que é oficial é impessoal, e ser impessoal é o maior insulto que pode ser feito a uma pessoa.” Em muitas passagens Kierkegaard se mostra como um anarquista, embora naturalmente, não use o termo, pois este ainda não existia.⁹

Finalmente, a prova mais convincente de Eller é que Karl Barth, o grande teólogo do século XX foi um anarquista antes de ser um socialista, mas favorável ao comunismo, do qual se arrependeu. Esses simples fatos mostram que meus estudos não são uma exceção no cristianismo.

Juntamente com os ilustres intelectuais e teólogos, não devemos esquecer os movimentos populares, a constante existência de pessoas humildes que viveram uma fé e uma verdade que era diferente daquela proclamada pela igreja oficial, e que achava sua fonte direta mais no Evangelho do que no movimento coletivo. Essas vítimas humildes mantiveram uma fé real e viva sem serem perseguidas como hereges, pois não causaram escândalos. O que estou adiantando, não é uma redescoberta da verdade. Ela sempre foi mantida, mas por um pequeno

⁷ Eller, *Christian Anarchy* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987).

⁸ No original: “Red Congress” (N. do T.)

⁹ Ver Vernard Eller, *Kierkegaard and Radical Discipleship* (Princeton: Princeton University Press, 1968).

número de pessoas, na maioria anônimas, embora seus traços permaneçam.¹⁰ Elas sempre estiveram lá mesmo que constantemente apagadas pelo cristianismo oficial e autoritário dos dignitários da Igreja. Sempre que tentaram lançar uma renovação, o movimento começado nas bases do Evangelho e de toda a Bíblia foi rapidamente pervertido e reencontrou seu caminho na conformidade oficial. Isso aconteceu com os franciscanos após Francisco de Assis e aos luteranos após Lutero. Externamente, então, elas não existiram. Apenas vemos e conhecemos a pompa da grande Igreja, as encíclicas pontifícias e as posições políticas dessa ou daquela autoridade protestante.

Eu tenho um conhecimento concreto disso. O pai de minha esposa, que foi um não-cristão obstinado, me contou quando tentei explicar para ele a verdadeira mensagem do Evangelho, que fui o único a lhe dizer isso, que ele só ouvira isso de mim, e o que ouvia nas igrejas era o extremo oposto. Agora, eu pretendo não ser mais o único a dizer isso. Agora há uma corrente fiel subterrânea, mas não menos invisível ao fiel. É isso que está mantendo a Palavra bíblica. Isso, e não o resto – a pompa, os espetáculos, declarações oficiais, o simples fato de organização de uma hierarquia (que o próprio Jesus claramente não criou), uma autoridade institucional (que os profetas nunca tiveram), um sistema judicial (ao qual os verdadeiros representantes de Deus nunca tiveram recurso). Essas coisas visíveis são o aspecto sociológico e institucional da Igreja, porém, não mais; eles não são a Igreja. Para quem está de fora, eles obviamente são a Igreja. Embora, não possamos julgar pessoas de fora quando elas mesmas julgam a Igreja. Em outras palavras, anarquistas estão certos em rejeitar o cristianismo. Kierkegaard foi o atacante mais violento de todos. Aqui quero deixar outra observação e dissipar alguns equívocos. Eu não vou tentar justificar o que é dito pela Igreja oficial ou pela maioria destes que são chamados de cristãos sociológicos, esses que dizem serem cristãos (felizes em diminuir números, e são eles que deixam a Igreja em tempos de crise) e aqueles que se comportam precisamente de uma maneira não-cristã, como os patronos da Igreja no século XIX, que usavam certos aspectos do cristianismo para aumentar o seu poder sobre outros.

¹⁰ Conferir a interessante fundação de confraternidades nos séculos VII e VIII.

I – ANARQUIA DE UM PONTO DE VISTA CRISTÃO

1 – O que é anarquia?

Existem diferentes formas de anarquia e diferentes correntes. Primeiramente, devo dizer qual é o meu contexto de anarquia. Por anarquia, eu primeiro me refiro à não-violência. Portanto, não posso aceitar niilistas ou anarquistas que escolhem a violência como maneira de ação. Eu certamente entendo o recurso da violência, da agressão. Lembro-me de passar pela Bolsa de Paris e dizer a mim mesmo que uma bomba poderia ser colocada ali. Isso serve como um símbolo e um aviso. Não conhecendo ninguém que fabricasse uma bomba, não fiz nada!

O recurso à violência é explicável, penso eu, em três situações. Primeiro, temos a doutrina dos niilistas russos que se a ação é usada sistematicamente para matar aqueles que mantém o poder – ministros, generais e chefes de polícia – a longo prazo as pessoas terão tanto medo em assumir as funções do Estado, que este combalirá e será facilmente derrubado. Achamos algo parecido nos terroristas modernos. Entretanto, esta linha de pensamento subestima a habilidade dos órgãos do poder, assim como da sociedade, de resistir e reagir.

Então, há desespero quando a solidade do sistema é vista, quando a impotência de estar cara-a-cara com uma administração, ou um sistema econômico invencível (quem pode prender multinacionais?), e a violência é uma espécie de choro de desespero, um último ato no qual um esforço é feito para dar expressão pública a uma discussão ou uma odiada opressão. É o nosso desespero presente que está chorando alto, mas também é a confissão de que não há outra maneira de ação e não há razão para a esperança.

Finalmente, há o oferecimento de um símbolo ao qual eu já fiz uma alusão. Um aviso é dado que aquela sociedade é mais frágil do que se supõe e que forças secretas estão trabalhando para derrubá-la.

Não interessa, entretanto, qual seja a motivação para a violência ou agressão, eu sou contrário. Sou contrário em dois níveis. O primeiro é simplesmente tático. Vemos que movimentos não-violentos, quando bem geridos (e isso requer uma disciplina forte e boa estratégia), são muito mais efetivos do que movimentos violentos (a não ser quando uma verdadeira revolução é deflagrada). Não pensamos apenas no sucesso de Gandhi, mas mais perto de casa é evidente que Martin Luther King fez muito pelo avanço da causa dos negros americanos, considerando que movimentos posteriores, como os Panteras Negras e os muçulmanos negros, que quiseram avançar rapidamente através do uso da violência, não apenas não ganharam nada como inclusive perderam alguns dos avanços conseguidos por King. Igualmente, os movimentos em Berlim em 1956, depois na Hungria e na Tchecoslováquia, todos falharam, mas Lech Walesa, ao impor uma forte disciplina de não-violência no seu sindicato se manteve firme contra o governo polonês. Uma das falas do grande líder sindical dos anos 1900-1920 foi: “greves, sim, mas violência, nunca”. Finalmente,

embora isso seja discutível, o grande chefe zulu na África do Sul, Buthelezi, apoiava uma estratégia de total não-violência, o oposto de Mandela (da tribo Xhosa), e por tudo, poderia fazer infinitamente mais pelo fim do Apartheid do que o que foi alcançado pela violência errática (muitas vezes entre negros) do Congresso Nacional Africano. Um governo autoritário só pode responder à violência com violência.

Minha segunda razão é obviamente cristã. Biblicamente, amor é o caminho, não violência (a despeito das guerras narradas na Bíblia Hebraica,¹¹ as quais eu francamente confesso serem bastante embaraçosas).¹² Não usar a violência contra aqueles que estão no poder, não significa não fazer nada. Irei demonstrar que o cristianismo significa uma rejeição ao poder e uma luta contra o mesmo. Tal fato foi completamente esquecido durante os séculos da aliança do trono com o altar, ainda mais quando o papa se tornou o líder de um Estado, e por vezes agiu mais dessa maneira do que o líder da Igreja¹³.

Se eu excluir o anarquismo violento, ainda fica o pacifista, anti-nacionalista, anti-capitalista, moral e anti-democrático anarquismo (que é hostil à falsa democracia criada pelos estados burgueses). Subsiste ainda o anarquismo que age pelos meios de persuasão, pela criação de pequenos grupos e redes, denunciando falsidade e opressão, visando uma real derrubada de todos os tipos de autoridade, com as pessoas falando ao fundo e se organizando. Tudo isso é muito próximo a Bakunin.

Entretanto, ainda há o ponto delicado da participação em eleições. Os anarquistas devem votar? Caso sim, devem formar um partido? De minha parte, assim como muitos anarquistas, eu acho que não. Votar é tomar parte na organização da falsa democracia que foi instaurada forçadamente pela classe média. Não importa se o voto é para a esquerda ou para a direita, a situação é a mesma. E, para organizar um partido, é necessário adotar uma estrutura hierárquica e o desejo de ter uma parte no exercício do poder. Não podemos esquecer em que grau a presença do poder corrompe. Quando os antigos socialistas e sindicalistas chegaram ao poder na França em 1900-1910, um forte argumento, é que eles se tornaram os piores inimigos do sindicalismo. Temos só que lembrar de Clémenceau e Briand. Esse é o porque, em um movimento muito próximo ao anarquismo, como os ecologistas, sempre me opus à participação política. Sou totalmente hostil aos movimentos verdes, e na França, temos visto muito bem quais são os resultados da participação política dos *Ecolos* (ambientalistas) em eleições. O movimento se dividiu em vários grupos rivais, três líderes declararam sua hostilidade publicamente, debates de falsas questões enevoaram o verdadeiro objetivo, dinheiro foi gasto em campanhas eleitorais e nada foi conquistado. De fato, a participação nas eleições reduziu fortemente a influência do movimento. O jogo político pode deixar de produzir importantes mudanças na sociedade e devemos rejeitar radicalmente tomar parte nisso. A sociedade é

¹¹ Prefiro este título a “Antigo Testamento” para evitar a acusação de que os cristãos anexaram esses livros e privaram os judeus, a quem realmente pertencem.

¹² Cf. meu livro *Violence: Reflections from a Christian Perspective* (New York: Seabury, 1969).

¹³ Vemos aqui a perversidade do poder no fato de que ao papa foi dado um vasto domínio para libertá-lo da pressão política exercida por reis, imperadores, barões etc, isto é, para assegurar sua independência, mas o resultado foi exatamente o oposto.

muito complexa. Interesses e estruturas estão extremamente integrados uns aos outros. Não podemos esperar modificá-los pelo caminho da política. O exemplo das multinacionais é o suficiente para nos mostrar isso. Na visão da economia global solidária, a esquerda não pode mudar a economia de um país quando está no poder. Aqueles que dizem que uma revolução global é necessária, se não vamos apenas mudar o governo, estão corretos.

Mas isso significa então que não devemos agir? Isso é constantemente ouvido quando avançamos em uma tese radical. Como se o único modo fosse a política! Eu creio que anarquia primeiramente implica em objeção consciente – a tudo que constitui nossa sociedade capitalista (ou socialista e degenerada) e imperialista (seja burguesa, comunista, branca, amarela ou negra). Objeção consciente é uma objeção não somente ao serviço militar, mas a todas as demandas e obrigações impostas pela nossa sociedade: impostos, vacinações, educação compulsória, etc.

Naturalmente, sou favorável à educação, mas apenas se adaptada à criança e não obrigatória quando as crianças são obviamente não preparadas para aprender dados intelectuais. Temos de moldar a educação de acordo com os dons das crianças.

No que diz respeito à vacinação, tenho em mente um exemplo notável. Um amigo meu, um homem letrado, licenciado em matemática e anarquista (ou muito próximo de ser), decidiu retornar ao campo. Na dura região de Haut-Loire¹⁴, ele criou gado por dez anos nos altos planaltos. Ele se negou – esse é o ponto da história – a vacinação obrigatória contra doenças do casco e da boca, alegando que se ele os criasse cuidadosamente, distante de qualquer outro rebanho, não haveria perigo de contrair qualquer doença. Foi aí que os problemas começaram a se tornar interessantes. Oficiais veterinários vieram até ele e lhe aplicaram uma multa. Ele levou o caso à corte, mostrando provas da incompetência e de acidentes ligados à vacinação. Ele perdeu a primeira, mas na apelação, com a ajuda de relatórios de biólogos e veterinários importantes, foi triunfantemente absolvido. Esse é um ótimo exemplo do caminho em que podemos encontrar um pequeno espaço livre em um emaranhado de regulamentos. Mas nós temos que querer, não desperdiçar nossas energias, e atacando um único ponto, vencendo por repelir a administração e suas regras.

Temos uma experiência parecida na luta contra a Comissão Costeira da Aquitânia¹⁵. Através de enormes esforços, conseguimos bloquear certos projetos, que seriam desastrosos para a população local, mas apenas sob julgamento, até mesmo nos níveis mais altos.¹⁶

¹⁴ Uma região da França localizada na região de Auvergne. (N. do T.)

¹⁵ Região da França. (N. do T.)

¹⁶ Um ponto interessante é que conseguimos forçar a própria administração a agir de maneira ilegal. O método foi simples. A administração começou a trabalhar fora das regras e teve que se justificar por ordens e decretos. Biasini, o diretor da Comissão, desenvolveu a teoria de que quando um trabalho é começado, mesmo que irregularmente e sem um inquérito adequado, nada mais pode ser feito. Em outras palavras, uma vez que as máquinas começassem a trabalhar, não haveria mais recursos. Isso significa uma total regulamentação e uma oficial autorização da ilegalidade. Outro exemplo ainda foi a construção de uma ponte rejeitada por um tribunal mas que continuou como se nada tivesse acontecido.

Naturalmente, essas ações eram pequenas, mas, se realizássemos muitas delas, e fôssemos vigilantes, colocávamos em xeque a onipresença do Estado, apesar da “descentralização” promovida ruidosamente por Defferre, que fez a defesa da liberdade mais difícil. O inimigo hoje não é o Estado central¹⁷ mas a onipresença da administração. É essencial que apresentemos objeções a tudo, especialmente à polícia e à desregulamentação do processo judicial. Devemos desmascarar a falsidade ideológica dos vários poderes, e devemos especialmente mostrar a famosa teoria da regra da lei, que embala a democracia, que é uma mentira do começo ao fim. O Estado não respeita suas próprias regras. Devemos desconfiar de todas suas ofertas. Devemos sempre lembrar que quando ele paga, ele escolhe a música.

Recordo dos clubes de prevenção que fundamos em 1956 para lidar com jovens desajustados. Nossa premissa era que não eram os jovens os desajustados, mas a sociedade em si.¹⁸ Enquanto os clubes eram financiados por muitas maneiras, incluindo subsídio, eles iam bem e progrediam, não ajustando pessoas à sociedade, mas ajudando-as a formar suas próprias personalidades e substituir atividades destrutivas (drogas, etc.) por atividades construtivas e positivas. Entretanto, tudo mudou quando o Estado tomou para si o financiamento total, sob as idéias de Mauroy, o ministro, que tinha sua própria idéia de prevenção, criando o Conselho Nacional de Prevenção, que foi um desastre.

Um ponto importante que quero enfatizar é que houveram muitos esforços sugeridos ao longo das linhas. Tenho em mente um muito importante, que é a objeção aos impostos. Obviamente, se pagadores individuais decidirem não pagar seus impostos, ou não pagarem a parte proporcional a gastos militares, isso não é um problema para o Estado. Eles são presos e sentenciados. Numa questão dessa, muitas pessoas devem agir juntas. Se seis mil ou vinte mil pessoas se decidirem a fazer isso, o Estado é colocado em uma posição embaraçosa, especialmente se a imprensa for envolvida. Mas para fazer isso possível, deve haver uma lenta preparação: campanhas, conferências, tratados, etc.

Mais imediatamente praticável, embora precise também de muitos participantes, é a organização de uma escola por pais à margem da educação pública, assim como da educação privada oficial. Tenho em mente uma escola na qual os pais decidam a organização, instruindo em campos nos quais eles sejam capazes e tenham autorização para ensinar. Pelo menos, poderiam organizar uma escola alternativa como o Liceu de Saint-Nazaire fundado pelo irmão de Cohn Bendit. A melhor maneira seria uma gerida pelos representantes das partes interessadas: estudantes, pais e professores.

Sempre que tais empreendimentos são realizados, precisam ser organizados à parte de autoridades políticas, financeiras, administrativas e legalistas, com uma base totalmente individual. Um exemplo pessoal divertido vem dos tempos da guerra, quando éramos refugiados na área rural. Após dois anos, tínhamos a confiança e a amizade dos aldeões. Algo

¹⁷ Embora seu papel seja desastroso! Para um estudo esclarecedor cf. J. J. Ledos, J. P. Jezequel, and P. Regnier, *Le gachis audiovisuel* (Ed. Ouvrieres, 1987).

¹⁸ Cf. Y. Charrier and J. Ellul, *Jeunesse délinquante: Une Expérience en province* (Paris: Mercure de France, 1971).

estrano então aconteceu. Os habitantes locais sabiam que eu tinha estudado leis e vieram me consultar e pedir que resolvesse disputas. Comecei então a ser advogado, juiz de paz e tabelião. Obviamente, esses serviços gratuitos não tinham valor perante a lei, mas tinham para as partes envolvidas. Quando pessoas assinavam um acordo selando uma disputa ou resolvendo um problema, todas elas consideravam as assinaturas não sem menos valor ou autoridade das que fossem oficiais.

Naturalmente, esses exemplos modestos de ações marginais que repudiam a autoridade não devem nos fazer negar a necessidade de uma difusão ideológica do pensamento anarquista. Creio que a nossa época é favorável para esse ponto de vista, dado o vácuo absoluto de um pensamento político relevante. Os liberais ainda imaginam estar no século XIX. Os socialistas não possuem um modelo real de socialismo para oferecer. Os comunistas são simplesmente ridículos e mal se reergueram do pós-stalinismo. Os sindicatos estão preocupados apenas em defender suas posições.¹⁹ Nesse vácuo, o pensamento anarquista tem a sua oportunidade caso se modernize e forneça suporte para grupos embrionários existentes, como os ecologistas.

Eu me encontro muito próximo de uma das formas de anarquismo, e creio que a luta anarquista é uma boa. O que me separa então, do verdadeiro anarquismo? Problemas religiosos à parte, que devemos pensar mais demoradamente, eu penso que o ponto de divisão é o seguinte. O verdadeiro anarquista pensa que a sociedade anárquica – sem Estado, sem organização, sem hierarquia e autoridades – é possível, razoável e praticável. Eu não. Em outras palavras, eu creio que a luta anarquista, a briga por uma sociedade anarquista é impossível. Ambos os pontos merecem explicações. Começarei com o segundo.

Na verdade a visão ou a esperança de uma sociedade sem autoridades ou instituições repousa na convicção de que as pessoas são naturalmente boas e que somente a sociedade é corrupta. No extremo disso, achamos certas declarações, tais como: a polícia provoca assaltos, acabe com a polícia e os assaltos cessarão. O que a sociedade faz, de fato, desempenha um papel preponderante na deturpação de indivíduos, isso parece claro o suficiente para mim. Quando há rigor, coação e repressão em excesso, de uma maneira ou de outra as pessoas precisam extravasar, geralmente por meio da violência e agressão. A deturpação atual no Ocidente toma outra forma, por meio da propaganda, que promove o consumo (e roubo, quando as pessoas não conseguem adquirir coisas), assim como a pornografia aberta e a violência na mídia. O papel dos meios de comunicação no aumento da delinqüência e no ódio aos demais é considerável. Entretanto, a sociedade não é totalmente responsável.

A política sobre drogas na Holanda mostra um importante exemplo. Face a face com o aumento do tráfico e uso de drogas, o governo holandês optou em 1970 por uma política diferenciada da encontrada em outros países. Para afastar a tentação do fruto proibido, o uso de drogas foi legalizado, e para fiscalizar a venda de drogas o governo abriu centros onde os usuários poderiam recebê-las de graça e com acompanhamento médico, as doses necessárias. Acreditava-se que isso poderia deter o comércio e seus males (a dependência aos traficantes,

¹⁹ Não podemos esquecer que no argumento de salvar os empregos eles apoiaram a insensatez do Concorde e ainda justificam a manufatura e exportação de armas.

preços exorbitantes e os crimes para a obtenção de dinheiro). Também se acreditava que a ânsia por drogas poderia diminuir. Mas nada disso aconteceu. Amsterdam virou a capital das drogas, e o centro da cidade possui uma concentração horrível de viciados. O fim da repressão não acaba com as ânsias humanas. A despeito da crença no contrário, isso não é bom.

Minhas considerações sobre isso, não tem conexões sobre a idéia cristã de pecado. O pecado, efetivamente, só existe em relação a Deus. O engano de séculos de cristianismo foi considerar o pecado como uma falha moral. Biblicamente, esse não é o caso. Pecado é um rompimento com Deus e seus vínculos. Quando eu digo que as pessoas não são boas, não estou adotando um ponto de vista cristão ou moral. Estou dizendo que duas das grandes características humanas são cobiça e fome de poder. Encontramos esses traços sempre e em todo lugar. Se, então, damos às pessoas completa liberdade de escolha, elas vão inevitavelmente tentar dominar alguém ou algo, e irão inevitavelmente cobiçar o que pertence ao próximo, e é uma estranha forma de cobiça que nunca poderá ser satisfeita, pois uma vez que o objeto de desejo é conquistado, a atenção é dirigida para outra coisa. René Girard demonstrou muito bem quais são as implicações da cobiça²⁰. Nenhuma sociedade é possível entre pessoas que competem por poder ou que cobiçam a mesma coisa. Nessa visão, uma sociedade anarquista ideal nunca poderia ser alcançada.

Isso poderia ser negado ao dizer que as pessoas são originariamente boas, e o que temos hoje é o resultado de séculos de declínio. Minha resposta então é que teríamos que ter um período transitório, pois tendências tão fortemente enraizadas não seriam erradicadas em uma geração. Por quanto tempo então devemos reter as estruturas e as autoridades necessárias esperando que estas adotem políticas justas e firmes o suficientes que nos direcionem no caminho certo? É nossa esperança o desaparecimento do Estado? Nos já temos a experiência de como essa teoria funciona. Devemos sempre lembrar que todo poder corrompe, e poder total, corrompe totalmente. Essa tem sido a experiência de todos os milenares e “cidades divinas”, etc.

De minha parte, o que parece ser justo e possível é a criação de novas instituições de nível de base. As pessoas podem montar as instituições apropriadas (como as citadas acima) que irão de fato substituir a autoridade e o poder que devem ser destruídos. No que diz respeito à realização, minha visão é próxima daquela dos anarco-sindicalistas de 1880-1900. Eles acreditavam que os sindicatos e salões trabalhistas deveriam substituir as instituições do

²⁰ René Girard é conhecido por suas teorias que consideram o mimetismo a origem da violência humana que desestrutura e reestrutura as sociedades, fundando o sentimento religioso arcaico. Girard se auto-define como um antropólogo da violência e do simbolismo religioso. Alguns o consideram o "Darwin das ciências humanas".

Por meio de seus trabalhos de antropologia, ele teorizou o que é considerado uma de suas grandes descobertas: o *mecanismo da vítima expiatória*, segundo ele um mecanismo fundador de qualquer comunidade humana e de qualquer ordem cultural: quando o objeto de desejo é apropriável, a convergência dos desejos conflitantes em sua direção engendra a rivalidade mimética que é a fonte da violência. No grupo primitivo, esta violência, por paroxismo, se focaliza numa vítima arbitrária cuja eliminação reconcilia o grupo. Esta vítima é, para Girard, sagrada e constitui a gênese do sentimento religioso primitivo, do sacrifício ritual como repetição do evento originário, do mito e dos interditos.

Fonte: Wikipédia (N. do T.)

Estado da classe média. Estes nunca deveriam funcionar de uma maneira autoritária e hierárquica, mas sim estritamente democrática, e deveria levar à federações, sendo a ligação federativa o único vínculo.

Nós sabemos, claro, o que aconteceu. No começo do ano de guerra, de 1914, a política deliberada foi a de remover os melhores anarco-sindicalistas, e o movimento sindical sofreu uma mudança radical com a nomeação de oficiais permanentes. Isso foi um grande erro. Imediatamente os sindicatos perderam seu caráter original, tornando-se solo fértil para uma elite proletária.

Em suma, não tenho fé em uma sociedade anarquista pura, mas creio na possibilidade de criar um novo modelo social. A única coisa é que temos que começar de novo. Os sindicatos, as uniões, descentralização, o sistema federativo – tudo se foi. O uso perverso destes os destruiu. O problema todo é urgente porque nossas formas políticas estão gastas e praticamente inexistentes. Nossos sistemas parlamentares e eleitorais e nossos partidos políticos são tão fúteis como ditadores são intoleráveis. Nada é deixado. E esse nada é cada vez mais agressivo, totalitário e onipresente. Nossa experiência hoje é de instituições políticas vazias, nas quais ninguém mais confia, de um sistema de governo que funciona apenas para os interesses de uma classe política, e ao mesmo tempo de um quase infinito crescimento de poder, autoridade e controle social, que faz qualquer uma de nossas democracias um mecanismo mais autoritário do que o Estado napoleônico.

Esse é o resultado da tecnologia. Não podemos falar de uma tecnocracia, pois os técnicos não estão oficialmente no poder. Entretanto, todo o poder do governo deriva da tecnologia, e detrás das cortinas, os técnicos provêm a inspiração e fazem as coisas acontecerem. Não há razão em discutir aqui o que todos sabem, o crescimento do Estado, da burocracia, da propaganda (disfarçada sob o nome de informação pública), do conformismo, da política expressa de nos transformar a todos em consumidores e produtores, etc. Para esse desenvolvimento praticamente não há resposta. Ninguém suscita a questão²¹. As igrejas mais uma vez traíram sua missão. Os partidos estão desatualizados no jogo. Nessas circunstâncias, considero a anarquia como o único desafio sério, como o único meio de alcançar sensibilização, o primeiro passo.

Quando falo de um desafio sério, o caso é que na anarquia não há possibilidade de reencaminhar o reforço do poder. Existe essa possibilidade no marxismo. A idéia da ditadura do proletariado pressupõe poder sobre o resto da sociedade. Não é um simples caso de poder da minoria sobre a maioria, ao invés do contrário. A questão é o poder de algumas pessoas sobre outras. Infelizmente, como eu já disse, não acho que podemos mesmo prevenir isso. Mas podemos lutar contra. Podemos nos organizar à margem. Podemos denunciar não apenas os abusos de poder, mas os abusos DO poder. Apenas a anarquia fala assim, e assim deseja.

Na minha visão, há mais a ser feito do que promover e estender o movimento anarquista. Ao contrário do que é pensado, o movimento pode ter uma audiência maior do que antes. A maioria das pessoas vivem negligentemente, curtidas, tornando-se terroristas, ou escravas da

²¹ Exceto por alguns cientistas que vêem os perigos da ciência, e algumas poucas figuras isoladas, como C. Castoriadis.

TV, do falatório político ou das políticas. Elas não vêm muita esperança para si. Estão também exasperadas pelas estruturas burocráticas ou pelos conflitos administrativos. Se denunciarmos isso, podemos ganhar a atenção do grande público. Em suma, quanto mais o poder do Estado e da burocracia cresce, mais a afirmação da anarquia é necessária, como a base, a última defesa do individual da humanidade. A anarquia deve recuperar a mordacidade e a coragem da humanidade. Ela tem um futuro brilhante pela frente. Esse é porque de eu adotá-la.

2. Queixas dos anarquistas contra o cristianismo.

Tentarei lembrar aqui dos ataques anarquistas do século XIX contra o cristianismo, e me explicar, sem dissimular o que deve ser dito realmente. Não é uma questão de justificar o cristianismo. Poderia começar relembrando a diferença que tenho dito em todos os lugares entre cristianismo (ou cristandade) e a fé Cristã como a encontramos na Bíblia²². Creio que os ataques ao cristianismo encontram-se em duas categorias: os essencialmente históricos e os metafísicos. Começarei com os primeiros.

A primeira tese básica é que religiões de todos os tipos geram guerras e conflitos que são afinal muito piores que os puramente políticos ou caprichosos conflitos de regras, pois nos religiosos, a questão da verdade é central, e o inimigo, sendo a encarnação do mal e da falsidade, tem que ser eliminado. Isso é completamente verdadeiro. Verdadeiro não somente se pensarmos nas religiões tradicionais, mas também nas religiões que as substituíram: a religião do nacionalismo, por exemplo, ou a do comunismo, ou aquela do dinheiro. Todas as guerras causadas em nome da religião são inexplicáveis, assim como foram as guerras romanas. Naquele caso a guerra foi tão atroz que o mal que isso causou não pode se tornar bom por meio de sacrifícios (*pia-culum*). Entretanto, nossas guerras são inexplicáveis porque o adversário deve ser totalmente esmagado, sem exceção ou piedade.

O exemplo para tais guerras pode ser encontrado na Bíblia, onde de vez em quando um *herem*²³ era declarado contra um inimigo do povo judeu, sendo o fato que esse povo hostil deveria ser destruído, mulheres e crianças e até mesmo seu gado. Naturalmente, os versículos que referem-se ao *herem* são um desafio complicado para aqueles que levam a Bíblia ao pé da letra.

Temos então as guerras travadas pelo Islã. Os princípios seguidos por eles são os seguintes. Todas as crianças que vêm ao mundo são muçulmanas por nascimento. Se elas param de ser, é culpa dos pais e da sociedade. O dever de todos os muçulmanos é trazer os outros à verdadeira fé. A esfera do Islã (a *umma* ou comunidade) é o mundo todo. Ninguém deve escapar. Por isso, o Islã deve conquistar o mundo. A idéia de uma guerra santa (*jihad*) é o resultado. Não insistirei nisso; é evidente e não é o meu foco. Islâmicos mostram cada vez mais que seus seguidores são fanáticos e que estão prontos tanto para morrer como para matar sem

²² Ver meu *Subversion of Christianity* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

²³ Algo como a excomunhão para os judeus. (N. do T.)

restrições.

Também houveram guerras “cristãs”. Não começaram senão no império carolíngio. As guerras travadas pelos imperadores cristãos de Roma (após Constantino) não foram religiosas. Como aquelas do século IV, aconteceram por conta da defesa das fronteiras do império. A idéia de guerra religiosa surgiu apenas no século VIII, após a desintegração do império e no período merovíngio. Minha visão pessoal é de que as guerras santas do cristianismo foram uma imitação do que o islã vinha fazendo há séculos. Guerra torna-se um meio de ganhar novos territórios e de forçar povos pagão a tornarem-se cristãos. O auge veio com Carlos Magno, consagrado “bispo externo”²⁴, o qual a ação contra os saxões é bem conhecida. Tendo conquistado parte da Saxônia, deu aos seus habitantes a escolha de tornarem-se cristãos ou serem condenados à morte, e seis mil saxões foram massacrados. Seguiram-se então uma longa série de Cruzadas, guerras internas, e nos séculos XVI e XVII as guerras da religião no *stricto sensu* entre Protestantes e Católicos, e todas suas atrocidades já familiares (por exemplo o partido de Cromwell). Por fim, temos as guerras “coloniais”, nas quais, na verdade, religião não era nada mais que um pretexto, disfarce ideológico ou justificação, então essas não foram realmente guerras religiosas, embora a religião estivesse fortemente implicada.

A religião é, então, uma fonte incontestável de guerras. Minha resposta pessoal é a seguinte. Há uma grande diferença entre uma religião que faz da guerra um dever sagrado ou um teste ritual (como entre tribos Indianas e Africanas), e uma religião que reprova, rejeita, condena e elimina toda violência. No primeiro caso há um acordo entre a mensagem central do que deve ser a verdade e a promoção de guerras. No segundo caso há uma contradição entre a revelação religiosa e o empreendimento de guerras. Até mesmo autoridades, intelectuais e a opinião pública à qual é levada a um esquecimento geral pela pregação belicista pode apoiar a legitimidade de uma guerra, e o dever dos que crêem frente a isso é relembrar o centro da mensagem espiritual e realizar uma contradição radical à falsidade da guerra. Naturalmente, isso é muito difícil. Os que crêem devem ser capazes de se desprender da sociologia atual e ter coragem de se opor a intelectuais e à turba. Esse é o problema para o cristianismo. Eu nunca entendi como a religião a qual o centro é o de que Deus é amor, e de que amamos nossos próximos como a nós mesmos, pode apoiar guerras que são totalmente injustificáveis e inaceitáveis frente às revelações de Jesus. Várias justificativas me são familiares, as quais consideraremos mais tarde. A realidade imediata, entretanto, é que a revelação de Jesus não deveria se tornar uma religião. Todas as religiões levam à guerra, mas a Palavra de Deus não é uma religião, e a mais séria de todas as traições foi transformá-la em uma.²⁵

No que diz respeito à fé cristã, permanecem duas questões, ambas ligadas ao que segue. A primeira refere-se à verdade e a segunda à salvação. Temos visto que um dos ataques contra a religião é que essa diz ser a única verdade. Isso é correto, e o cristianismo não escapa ao ataque. Mas o que queremos dizer quando falamos sobre verdade cristã? O

²⁴ Uma espécie de bispo indicado para cuidar de “assuntos externos”, como a guerra, por exemplo. (N. do T.)

²⁵ Ver Ibid. p 17.

texto central é a fala de Jesus: “Eu sou a verdade”. Contrariando o que pode ter sido dito e feito depois, a verdade não é uma coleção de dogmas, concílios ou decisões papais. Não é doutrina. Não é nem mesmo a Bíblia considerada como um livro. A verdade é uma pessoa. Então, não é uma questão de aderir à doutrina cristã. É a questão de confiar em uma pessoa que nos fala. A verdade cristã pode ser agarrada, ouvida e recebida somente pela fé. Mas a fé não pode ser forçada. A Bíblia nos diz isso. Assim como o senso comum. Não podemos forçar uma pessoa a confiar em alguém quando há desconfiança. De maneira alguma, então, a verdade cristã pode ser imposta pela violência, guerra, etc. Paulo antecipou o que poderia acontecer quando nos aconselhou a praticar a verdade em amor. Temos que praticar isso, não adotar um sistema de pensamento. Isso significa que temos que seguir Jesus, ou imitá-lo. Mas essa verdade ainda é exclusiva. Por isso, nos é dito que seguiremos essa verdade em amor. Isso é muito difícil. Na história da igreja, houve uma constante oscilação entre explorar a verdade sem amor (coação, etc.) e salientar o amor, mas negligenciando completamente o evangelho.

O segundo problema refere-se à salvação. Uma idéia fixada no cristianismo é que todos estão perdidos (ou condenados, embora este não seja um termo bíblico) a não ser que creiam em Jesus Cristo. Para salvá-los – e aqui torna-se um sério problema – devemos primeiramente declarar a eles salvação em Jesus Cristo. Sim, mas suponha que as pessoas não acreditem nele? Progressivamente a idéia surge como se tivéssemos que forçá-las a acreditar (como no caso de Carlos Magno ou as conquistas tais como no Peru, etc.). A força usada pode ser severa ao ponto da ameaça e realização de uma sentença capital. A grande justificativa (como no caso do Grande Inquisidor) é que a alma das pessoas deve ser salva. Comparado à felicidade eterna, o que importa a execução física? Essa execução pode até ser chamada de *auto de fé*.

Obviamente, temos aqui o oposto completo da pregação de Jesus, as epístolas de Paulo e também dos profetas. A fé deve nascer como um ato livre, não forçado. De outra maneira, não tem sentido. Como podemos pensar em um Deus que Jesus chamou de Pai, desejar uma fé sob coação? No que concerne às críticas do cristianismo e cristandade, é claro que cristãos que tentam ser fiéis à Bíblia irão concordar que os anarquistas estão certos em denunciar tais ações e práticas (como a política da violência, força e guerra).

A segunda crítica histórica aproxima-se da primeira. É sobre o conluio com o Estado. Desde os dias de Constantino (e durante muitos anos importantes historiadores duvidaram da sinceridade dessa conversão, vendo na mesma um ato puramente político) o Estado tem supostamente sido cristão.²⁶ A igreja recebeu uma grande ajuda em troca. Assim, o Estado tem auxiliado a forçar pessoas a se tornarem “cristãs”. Foram dados importantes subsídios. Locais de culto foram salvaguardados. Privilégios foram garantidos ao clero. Entretanto, a igreja também teve que permitir que imperadores interferissem em sua teologia, às vezes decidir o que seria doutrina verdadeira, convocar concílios, supervisionar a nomeação de bispos, etc. A igreja também teve que apoiar o Estado. A aliança entre trono e altar não vem da Reforma,

²⁶ Tenho sempre afirmado que é impossível para o Estado ou para a sociedade ou uma instituição serem cristãos. A partir de que ser cristão é um ato de fé, é totalmente impossível para uma abstração como o Estado.

mas do século V. Tentativas foram feitas para se separar os dois poderes, o temporal e o espiritual, mas estes foram confundidos constantemente. Como eu citei anteriormente, o papa se tornou o papa interno, o imperador o externo. As muitas cerimônias (coroações, te déums), tinham em seu íntimo a idéia de que a igreja deveria servir ao Estado, ao poder político, e garantir a submissão do povo a isso. De sua maneira cínica, Napoleão disse que o clero controla o povo, os bispos o clero, e ele próprio os bispos. Ninguém mais poderia mostrar de maneira mais clara a situação real de que a igreja era um agente de propaganda do Estado. Obediência às autoridades era também um dever cristão. O rei era designado divinamente (embora tenha surgido uma dissidência sobre como confirmar isso), e dali em diante desobedecer o rei era desobedecer a Deus. Mas não podemos generalizar. Estou apontando aqui o que é ensino oficial, aquele do alto clero e da política da igreja (tanto entre ortodoxos como luteranos). Na base, entretanto, entre o baixo clero, a posição era muito menos certa. No que diz respeito ao período que eu conheço melhor²⁷, nos séculos XIV e XV, na maioria das revoltas camponesas o clero marchou com seus paroquianos como revolucionários e freqüentemente encabeçava os levantes. Entretanto, o normal era se tornar um massacre.

Devemos nos perguntar se as coisas tornaram-se diferentes sob sistemas democráticos. Muito menos do que possamos imaginar! O pensamento central ainda é de que o poder vem de Deus. Conseqüentemente o Estado democrático também é de Deus. O estranho é que isso era uma idéia antiga. Desde o século IX alguns teólogos estabeleceram que todo poder vem de Deus através do povo. Francamente, entretanto, isso não levou diretamente à democracia. Em democracias “cristãs” encontramos uma aliança similar à já descrita, exceto pelo que a igreja agora tem menos vantagens. Em democracias laicas há uma teórica separação completa, mas esse não é o caso. A igreja tem demonstrado muita incerteza teológica nessa área. Na França, a igreja foi monarquista com os reis, imperialista com Napoleão e republicana com a República (com alguma hesitação por parte dos católicos romanos, mas não dos protestantes). O melhor exemplo é que a igreja, onde pode, se tornou marxista em territórios comunistas.

Sim, de fato, na Hungria e Tchecoslováquia, as igrejas reformadas tornaram-se abertamente comunistas com Hromadka e Bereczki. E na URSS não podemos esquecer que durante a guerra, em 1941, Stalin pediu apoio à Igreja Ortodoxa (através de empréstimos, por exemplo), e a igreja estava feliz em fazê-lo. A Igreja Ortodoxa, então, é uma apoiadora do regime. A Igreja Católica Romana é menos complacente, mas não devemos esquecer que com Hitler, se não ajudaram diretamente o regime, o apoiou na Alemanha. O papa fez até mesmo um acordo com Hitler. O caso é que não importa a forma de governo; nos altos escalões, e em suas diretrizes, a igreja sempre está do lado do Estado.

Na esfera comunista, também nos lembramos de uma país latinoamericano como a Nicarágua, onde o comunismo se instalou graças a Igreja Católica Romana e a teologia da libertação. O único exemplo claro de oposição é o já conhecido da Polônia.

Ao mesmo tempo que as igrejas de adaptaram às formas de governo, elas também adotaram as ideologias correspondentes. É interessante destacarmos a igreja no ocidente que

²⁷ Eu era professor de História das Instituições, especializado em crises do século XIV e XV, política, religiosa, econômica, social, etc.

pregou uma cristandade universal cobrindo toda a Europa, transcendendo diferenças nacionais, ao mesmo tempo que o Império era (ou pretendia ser) universal. Com a divisão do ocidente em nações, a igreja também se tornou nacional. Joana d'Arc foi certamente uma cristã nacionalista pioneira²⁸. A partir do século XVI as guerras se tornaram nacionais, e a igreja sempre apoio seu próprio estado. Isso levou ao *Gott mit uns*²⁹ que é um objeto de desprezo para os célicos e de escândalo para os crentes. Quando duas nações vão à guerra, cada uma tem certeza de que Deus está ao seu lado em uma incrível distorção do pensamento bíblico, embora estejam lutando a batalha alegórica do Apocalipse e o inimigo político seja Satã.

Finalmente, à essas manifestações de violência por parte dos cristãos das igrejas, devemos mencionar a destruição das heresias – voltamos aqui à idéia da verdade única na qual a igreja representa infalibilidade e absolutismo – e a Inquisição. Aqui, devemos fazer uma cuidadosa distinção. A Inquisição começou no século XIII (1229) para lutar contra hereges (Cátaros Albigenses) e no século XIV contra feitiçaria. Contrariando o que é geralmente dito, não houveram realmente muitas condenações à morte ou massacres. A única atitude importante foi em relação aos Cátaros. Eu tive doutorandos que pesquisaram os registros existentes da Inquisição no sudoeste da França (Bayonne, Toulouse, Bordeaux), e na maioria encontraram apenas uma média de seis ou sete condenações por ano. A Inquisição, entretanto, foi um meio de controlar a opinião em um sentido e induzir o medo coletivo em outro (por conta do anonimato, o sigilo da procedência, etc.). Sua presença era o suficiente. A Inquisição mudou completamente quando se tornou um instrumento de poder político. Alguns reinos levaram-na ao longo do século XVI, e esta se tornou um terrível instrumento em suas mãos. Onde isso aconteceu? Em Portugal, Espanha e Veneza, onde tornou-se totalmente uma arma política, não usada somente para causar medo, mas para matar por razões político-religiosas. Os cátaros estavam ensinando que ninguém deveria ter filhos, e certos reis temeram que isso pudesse acarretar em uma real queda da população.

Não obstante toda explicação, eu repito que anarquistas estão certos em desafiar esse tipo de cristianismo, essas práticas da igreja, que constituem em uma intolerável forma de poder em nome da religião. Nessas circunstâncias, religião e poder se confundindo, eles estão certos em rejeitar a religião. Ademais, embora não precisemos insistir nesse ponto, devemos também frisar na riqueza da igreja baseada na exploração do povo, e no século XIX a associação entre igreja e regimes capitalistas. Todos sabemos o uso horrível da palavra: “Abençoados sejam os pobres”, e Marx estava certo em denunciar religião como o ópio do povo. Do modo que era pregado pela igreja naquele período, era exatamente o que o cristianismo era.

Direi duas coisas para concluir. Primeiro, a situação torna-se muito melhor e mais clara agora que as igrejas não tem mais poder, agora que não há mais conexão entre elas e as

²⁸ Por mais que admire a extraordinária mulher que foi Joana d'Arc, penso que a história seria bem mais simples se a França fosse engolida em um regime franco-inglês!

²⁹ “Deus conosco”, em alemão no original. Inscrição encontrada nas fivelas dos cintos dos soldados alemães na Segunda Guerra Mundial, (N. do T.)

autoridades, e agora que elas tem menos membros. Aqueles que estavam na igreja fora de seu interesse próprio saíram em grande número. Segundo, as condenações do cristianismo e das igrejas por anarquistas (assim como por marxistas, livres pensadores, etc.), deveria ser uma razão, na verdade, para cristãos alcançarem um melhor entendimento sobre as mensagens bíblicas e evangélicas, e modificar sua conduta e a da igreja à luz das críticas e seu melhor entendimento da Bíblia.

Deixando os campos históricos e morais, devemos agora considerar os ataques metafísicos de anarquistas às religiões em geral e ao cristianismo em particular. Encontraremos principalmente quatro objeções decisivas. Primeiro, naturalmente iremos ao encontro do slogan: Sem Deus, sem mestre. Anarquistas, não querendo mestres religiosos, Deus, o qual os mestres deste mundo têm feito uso abundante. O ponto deste problema é a simples idéia de Deus.

É verdade que por séculos a teologia insistiu que Deus é o Mestre absoluto, o Senhor dos senhores, o Todo Poderoso, perante quem não somos nada. Por conta disso é certo que aqueles que rejeitam mestres irão rejeitar a Deus também. Devemos também levar em conta que mesmo no século XX cristãos ainda chamam Deus de Rei da criação, e ainda chamam Jesus de Senhor, apesar de ainda existirem poucos reis e senhores no mundo moderno. De minha parte, contesto esse conceito de Deus.

Creio que isso corresponde à mentalidade existente. Penso que o que temos aqui é uma imagem religiosa de Deus. Finalmente, tenho consciência de que muitas passagens bíblicas chamam a Deus de Rei ou Senhor. Isso dito, afirmo que a Bíblia na realidade nos dá uma imagem muito diferente de Deus. Vamos examinar aqui apenas um aspecto dessa imagem diferente, embora novas também apareçam e sustentem as questões a seguir. Ainda que o Deus bíblico seja Todo Poderoso, na prática, Ele não faz uso de sua onipotência em suas relações conosco, exceto em casos particulares que acontecem exatamente por serem anormais (como o dilúvio, a Torre de Babel ou Sodoma e Gomorra). Deus é uma onipotência auto-limitada, não por capricho ou simpatia, mas porque qualquer outra coisa estaria em contradição com o Seu ser. Para além do poder, o fato dominante e condicional é que o ser de Deus é amor.

Não é somente Jesus quem ensina isso. Toda a Bíblia Hebraica o faz, ao menos se airmos atentamente. Quando Deus cria, não é para Seu divertimento, mas porque, sendo amor, Ele quer alguém para amar o próximo como Ele próprio. Ele também não cria por uma terrível explosão de poder, mas por uma simples Palavra: “Disse Deus”³⁰ – nada mais. Deus não libera o Seu poder, mas Se expressa exclusivamente por Sua Palavra. Significa que desde o começo Ele é um Deus comunicativo. Por contraste, nas religiões do mundo antigo Oriental próximo, os deuses (inclusive os do Olimpo) estão sempre em disputas, criando pela violência, etc. Na criação da humanidade, a segunda história (Gênesis 2) mostra que a palavra é o que caracteriza humanidade, também. A primeira função do ser humano é ser aquele que dá resposta ao amor de Deus. Ele é criado para amar (isso que significa à semelhança de Deus).

³⁰ Todas as passagens bíblicas aqui utilizadas em português são da versão Almeida Revista e Atualizada (Ed. 1993). (N. do T.)

Outra imagem marcante imagem de Deus nos é dada na história de Elias no deserto (1 Reis 19). Após quarenta dias de deprimente solidão, Elias é confrontado por uma série de fenômenos violentos: um fogo terrível, um vento, um terremoto. Mas cada vez o texto nos conta que Deus não estava no fogo, no vento ou no terremoto. Finalmente, há um murmúrio gentil (A. Chouraqui traduz: “o som de um silêncio desvanecido”), e então Elias se prostra e cobre sua face com seu manto para ouvir a Deus que estava com “um círculo tranqüilo e suave”.

A confirmação pode ser encontrada em muitos textos proféticos nos quais Deus fala tristemente ao seu povo, sem fazer ameaças. (Meu povo, o que Eu fiz para que se tornem contra mim?) Até mesmo quando Deus se manifesta em poder nunca está ausente o aspecto que um grande teólogo (Karl Barth) chamou de a humanidade de Deus. Deste modo, na história do Sinai, a montanha está cercada por trovões e raios e o povo está com medo. Entretanto Moisés sobe do mesmo jeito, e a história em Êxodo 33 nos conta que ele falou com Deus face a face, como de um amigo para o outro. Portanto, não importa o que o poder de Deus possa ser, seu primeiro aspecto nunca é o de Mestre absoluto, o Todo Poderoso. É o próprio Deus quem se coloca em um nível humano e Se limita. Teólogos que estiveram sob a influência da monarquia (seja a de Roma ou dos séculos XVI ou XVII) podem ter insistido na onipotência por meio da imitação, mas eles se enganaram. Às vezes, é claro, quando temos que nos opor a um Estado todo-poderoso, é bom que digamos ao ditador que Deus é mais poderoso que ele, que Deus é de fato o Rei dos reis (como Moisés disse ao Faraó). Quando assassinos matam os tiranos, estes logo verão se são Deus. Na maior parte, entretanto, a verdadeira face bíblica é que Deus é amor. E eu não creio que anarquistas ficariam muito felizes com uma fórmula que diz: sem amor, sem mestre.

A segunda grande queixa que anarquistas fazem contra cristianismo relaciona-se a um dos dois bem conhecidos dilemas, se Deus prevê todas as coisas, se Ele é “Providência”, se isso rege nossa liberdade humana. Aqui novamente temos uma visão de Deus que deriva da filosofia grega e que os teólogos clássicos propagaram grandemente. Na base do pensamento grego, como bem sabemos, o Deus cristão foi dotado com muitos atributos: onisciência, presciência, impassibilidade, imutabilidade, eternidade, etc. Eu não argumento que isso vem direto da Bíblia, por exemplo, que Deus é eterno, embora não possamos ter uma real concepção do que é eternidade. Alego, entretanto, que fizemos uma imagem ou representação de Deus que depende muito mais do pensamento e da lógica humana do que do entendimento da Bíblia. A discordância decisiva da Bíblia é sempre a de que não podemos conhecer Deus, que não podemos fazer uma imagem dEle, que não podemos analisar o que Ele é. Os únicos bons teólogos são aqueles que praticaram a chamada teologia negativa – não entender o que Deus é, mas apenas dizendo o que não é, por exemplo, que dinheiro não é Deus, nem uma árvore, ou uma energia, nem o sol. Não podemos afirmar nada positivo sobre Deus. (Eu disse acima que Deus é amor, e isso é a única afirmação da Bíblia, mas amor não é exatamente algo que se “é”). Esse é o ponto da grande declaração de Deus a Moisés em Êxodo 3:14: “EU SOU O QUE SOU.” Os termos hebreus podem ter alguns sentidos diferentes, então várias versões da declaração são possíveis: “Eu sou aquele que Sou”, “Eu sou aquele que pode dizer: Eu Sou”

assim como outros textos colocam, “Eu serei quem Sou”, “Eu sou quem Serei” ou “Eu serei quem Eu Serei”. Como disse Karl Barth, quando Deus se revelou a nós, se revelou como o Inconhecível. Por isso as qualidades que atribuímos a Deus vêm da razão e da imaginação humanas. Talvez esse seja o grande mérito dos teólogos da Morte-de-Deus, não de ter matado Deus, mas de ter destruído as imagens que tínhamos construído dEle. Sem dúvida, os ataques dos grandes anarquistas do século XIX, assim como os de Nietzsche, foram direcionados contra as imagens obtidas naquele período. Uma teologia protestante disse que a ciência nos ensinou que não precisamos mais das hipóteses de Deus para alcançar um entendimento do fenômeno. Ricoeur, um filósofo cristão, levantou a hipótese do Deus das brechas (por exemplo, apelando a Deus quando não entendemos algo). O engano reside em fazer de Deus um Deus explanatório das brechas, ou uma hipótese útil para explicar a origem do universo. Entretanto agora estamos retornando à simples e essencial verdade de que Deus não serve a nenhum propósito.³¹

Porém, alguém poderia dizer, por que então preservar esse Deus? Por que não preservar apenas Aquele que é útil, que serve a algum propósito? Dizer isso é dar provas de um utilitarismo e modernismo no pior modo! É um erro grave tentar tornar Deus útil ao longo destas linhas. Mas se Deus não é desse tipo, precisamos mudar a noção comum da providência. A idéia de um poder que prevê, ordena e controla tudo é curiosa, e não tem nada de cristã. Não há providência na Bíblia, nem Deus que distribua bênçãos, doenças, riquezas ou felicidade. Seria Deus um computador gigante funcionando de acordo com o programa? Não há nada de bíblico em uma idéia dessa. Na Bíblia há um deus que está conosco, que nos acompanha. Esse Deus pode às vezes intervir, mas não de acordo com leis estabelecidas ou caprichos ditatoriais. Não há um Deus da providência. Devemos ver o porque depois. Se eu creio, posso considerar essa bênção como um presente de Deus e esse infortúnio como um aviso ou punição de Deus. O essencial, entretanto, é entender que não há um conhecimento objetivo de Deus. Eu não posso proclamar de fato (especialmente no caso dos outros) que uma coisa é um presente divino e outra um castigo divino. Essa é uma questão de fé, e, por isso, subjetiva. Por isso, quando alguém diz algo para mim, eu posso de fato ouvir mais do que as palavras em si, talvez encontrando nelas a Palavra de Deus. Seria tudo isso uma ilusão? Mas por qual motivo o que é subjetivo seria uma ilusão? Experiência de centenas de anos provam o contrário.

Continuemos, entretanto, a caçar as imagens enganadas de Deus que os cristãos têm fabricado. Se a providência é uma popular, intelectuais inventaram um Deus que é a causa primeira (baseados no casualismo científico). Naturalmente, isso pode ser mantido metafisicamente, mas nunca bíblicamente. A razão básica para isso é que o Deus que é uma causa primeira pertence necessariamente a um sistema mecânico, mas o Deus que a Bíblia retrata é mutável e fluido. Ele toma decisões que parecem ser arbitrárias. Ele é um Deus livre. Como disse Kierkegaard, Ele é supremo e Incondicionável. Ele não pode sentar no topo de uma pirâmide de causas. Isso nos traz mais um ponto básico.

³¹ Leitores irão sem dúvida argumentar que o primeiro capítulo do Gênesis explica como as coisas começaram. Não explica. O objetivo deste capítulo é muito diferente. Os rabinos não tinham interesse em origens.

Gênesis 1 descreve uma criação de seis dias (naturalmente, não pensaremos em dias de vinte e quatro horas). A criação está completa no sexto dia. Deus viu que tudo era bom. Então, no sétimo dia Ele descansou. Mas onde entra toda a história humana? A única resposta possível é que ela toma lugar no sétimo dia³². Deus entra no seu descanso e a raça humana começa a sua história. Ela tem um lugar específico na criação. A criação tem suas próprias leis de organização e funcionamento. A raça tem um papel a desempenhar. Tem uma certa responsabilidade. O fato de os humanos desobedecerem a Deus, romper com Ele, não altera a situação em nada. Deus não recomeça. Ele não sai de seu descanso para dirigir operações. A organização do mundo continua a mesma. Mas não podemos esquecer o que foi dito acima. Deus continua a amar sua criatura e espera ser amado por esta. Ele é Palavra, e continuará a dialogar com essa criatura. Ademais, às vezes ele sai de seu descanso. Muitos textos bíblicos declaram isso expressamente. E no fim, em Hebreus e Apocalipse, a grande promessa e alegria é de reencontrar o descanso. Deus encontrará Seu descanso novamente e nós deveremos entrar neste descanso de Deus (que não tem nada a ver com o descanso da morte).

Algumas vezes Deus sai de seu descanso. Quando a situação humana se torna desesperadora, Deus desenha um plano de resgate. Isso pode não acontecer sempre, para que nós humanos tenhamos que tomar parte nisso, e nós podemos falhar. Existem muitos exemplos. Novamente, Deus sai de seu descanso por conta da crueldade humana em relação a outros se tornar tão intolerável que ele tem que intervir (embora, como já dissemos, não com poderes estupendos), e provisoriamente restabelecer uma ordem na qual os cruéis são punidos (embora por outros, para quem Deus secretamente dá seu poder). O que é mais difícil de entender, se estamos acostumados aos conceitos tradicionais de Deus, é a interligação da história humana com a história de Deus.

Isso nos traz a uma noção central. Longe de ser o Comandante universal, o Deus Bíblico é acima de tudo o Libertador³³. O que não é comumente sabido é que o Gênesis na verdade não é o primeiro livro da Bíblia. Os judeus consideram o Éxodo como livro base. Eles primeiramente vêm em Deus não o Criador universal, mas o seu Libertador. A declaração impressiona: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (cf Éxodo 13:14; 20:2). Em hebraico, Egito é chamado Mitsraim, e o significado do termo é “dupla angústia”, que os rabinos explicam como a angústia de viver e a angústia de morrer. O Deus bíblico é acima de tudo aquele que nos libertou de toda a servidão, da angústia de viver e da angústia de morrer. Cada vez que Ele intervém é para nos restabelecer o ar de liberdade. O custo é alto. E isso ocorre através de seres humanos que Deus designa para a missão, na maioria humanos que primeiramente ficam amedrontados e recusam, como vemos em muitos exemplos da pedagogia de Deus, pela qual Alphonse Maillot mostra o quanto cheio de humor o Deus bíblico é.

³² Para uma explicação completa, ver meu livro *What I Believe* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989), PP 152-166.

³³ Ver meu *Ethique de la liberte*, 3 vols. (Geneva: Labor et Fides, 1975-1984)

Mas por que liberdade? Se aceitamos que Deus é amor, e que seres humanos que tem que responder a esse amor, a explicação é simples. Amor não pode ser forçado, ordenado ou tornado obrigatório. É necessariamente livre. Se Deus liberta, é porque espera que venhamos a conhecê-lo e amá-lo. Ele não pode nos forçar aterrorizando-nos.

Eu percebi que algo poderia apresentar objeções. Esse Deus é o mesmo que deu aos judeus centenas de ordens, começando pelo Decálogo. Como podemos dizer, então, que ele não nos força? Estou novamente maravilhado que podemos tratar essas ordens como se fosse equivalentes aos artigos de um código humano, decorrentes de obrigações e deveres. Devemos enxergá-los de maneira muito diferente. Primeiro, essas ordens são a fronteira que Deus desenha entre vida e morte. Se você não matar, tem melhores chances de não ser morto. Mas se cometer um assassinato, é quase certo que você morrerá em consequência disso (não há diferença alguma entre um crime privado e guerra!). Aqueles que tomam a espada, serão mortos pela espada. Essa é a verdade desses mandamentos. Se permanecer neles, sua vida está protegida. Se quebrá-los, entra em um mundo de riscos e perigo. “Te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida [Eu, Deus, aconselho e rogo para que faça isso], para que vivas” (cf. Deuterônio 30:19). Segundo, esses mandamentos são mais uma promessa do que uma ordem. Você não deve matar também significa que você não precisa matar. Deus promete que será possível não matar.

A ação libertadora de Deus, no tocante ao que a fé cristã está interessada, tem seu cumprimento em Jesus Cristo. Quem mais insiste nessa liberdade é Paulo. Liberdade é o tema da Epístola aos Coríntios. É para a liberdade que somos libertos. Fomos libertados e não devemos nos tornar escravos de nada. Tudo é lícito, mas nem tudo convém. Tiago, também, chama a lei de Deus de lei da liberdade. Espantosamente, Paulo não encontra lugar para preceitos em comida ou estilo de vida. Tais preceitos, ele diz, tem aparência de sabedoria, mas são apenas mandamentos humanos e não mandamentos de Deus. Quando lemos tais passagens, achamos difícil de entender como as igrejas transformaram-se no extremo oposto, amontoando preceitos morais e tratando seus membros como temas ou mesmo como crianças.

Estamos assim libertos. Devemos tomar nossas responsabilidades. Todavia, Deus age. Existem intervenções divinas e ordens divinas. Como devemos entender isso? Meu primeiro ponto é que as ordens de Deus são sempre endereçados aos indivíduos. Deus escolhe essa ou aquela pessoa para fazer algo específico. Essa não é uma questão de lei geral. Não temos o direito de generalizar a ordem. No máximo podemos tirar uma lição disso. Deste modo Jesus disse ao moço rico para vender todos seus bens, distribuir entre os pobres e segui-lo. Não devemos generalizar essa ordem. Não podemos decidir que todos os cristãos devem vender seus bens, etc. Mas a fala serve para nos por em guarda contra riquezas. Indivíduos cristãos, se a consciência ditar, podem tomar esse comando como especificamente endereçado para eles. O ponto principal nesse contexto, entretanto, é perceber que somos confrontados por uma dialética divino-humana. Nós próprios somos livres para agir e responsáveis por nossos atos. Mas Deus também age em cada situação. As duas ações então podem se combinar ou se opor uma à outra. Seja qual for o caso, nunca somos passivos. Deus não faz tudo. Ele pode

aconselhar ou mandar uma ordem, mas ele não nos impede de tomar um curso diferente. Eventualmente – em uma situação surpreendente – Deus pode nos aprovar mesmo que não façamos a sua vontade (podemos lembrar do extraordinário desejo de Jó que Deus se encontrasse errado e Jó certo). Em outras palavras, o Deus bíblico não é uma máquina, um grande computador, com o qual não podemos argumentar e que funciona de acordo com um programa. Nem nós somos robôs para Deus que tenham que executar as decisões dEle que nos fez.

Isto nos leva ao que é (no melhor do meu conhecimento) a última e maior objeção dos anarquistas contra Deus. Consiste no famoso dilema: ou Deus é onipotente mas em vista do mal na Terra ele não é bom (desde que é Ele quem dá lugar a tudo), ou Deus é bom mas não é onipotente, pois não pode prevenir o mal que é feito. Creio que o que já dissemos irá facilitar nossa resposta. Primeiro, devemos ter em conta que o mal não é um produto de uma força maior, seja Satã, o demônio, etc. O que temos nesse caso não são realidades, mas representações míticas. Os termos são comuns em hebraico ou grego, não nomes próprios. Mefistófeles é uma figura lendária, não bíblica. Tudo o que causa divisão entre as pessoas (o oposto extremo ao amor) é o demônio. Satã é o acusador, ou seja, aquele que leva pessoas a acusarem umas às outras. O mal deriva de nós no duplo sentido em que nos enganamos a nós mesmos e aos outros e causamos danos aos nossos próximos, à natureza, etc. Não há o dualismo de um Deus bom e um deus mal. Não temos seres malignos, mas forças malignas. O malvado está para falsas questões intelectuais. A grande serpente é a força que leva o mundo à destruição. Mas bíblicamente somos nós mesmos o problema, e só nós.

Como temos visto, Deus nos chama para nos voltarmos a Ele em amor. Constantemente, então, Ele intervém para nos libertar. Sendo livres, podemos nós mesmos decidir. Podemos errar e prejudicar. Podemos fazer o oposto do que Deus deseja. Deus deseja o bem, mas nos deixa livres para fazer o oposto. Se Ele não fizer isso, se como Todo Poderoso nos fizesse automaticamente praticar o bem, a vida humana não teria sentido algum. Seríamos robôs em suas mãos, brinquedos que Ele fez (mas por que?). Perceba que se fosse assim, não seríamos mais responsáveis por nada e não teria importância se o que fizéssemos fosse mal ou bom. As “coisas”, sem dúvida alguma, funcionariam impecavelmente. Não haveriam mais guerras, assassinatos, ditaduras, etc. Não haveriam mais computadores! E acidentes naturais? Cataclismos? Esse é obviamente o ponto de maior dificuldade para agnósticos. A explicação bíblica é que desde que a criação foi feita como um todo, todas as suas partes são estritamente solidárias umas com as outras (como os maiores físicos já admitem), e desde que nessa criação, seres humanos são o coroamento do trabalho e são também responsáveis pela criação, sendo sua função levar o amor de Deus para toda ela, toda a criação está envolvida no rompimento dos seres humanos com Deus. Agora que a principal parte da criação resolveu agarrar sua autonomia e seguir deste modo, nada dela foi deixado intacto. O resultado é ruim. Apesar disso, as leis de organização do cosmo e da matéria se mantêm, assim como o corpo humano é preservado. Não há retorno ao caos. Como a vida humana, entretanto, o universo está sujeito a acidentes. Isso é inevitável, desde que a humanidade rompeu com Aquele que

era Ele mesmo.

Um ponto, entretanto, é que aquilo que chamamos de cataclismas são tão somente para nós e referentes a nós. Uma avalanche, terremoto ou inundação não são maus em si mesmo, pois não causam mal algum à natureza. Frequentemente isso é simplesmente uma expressão de leis físicas ou químicas que temos em movimento. Só é terrível pois estamos aqui e sofremos as consequências das mudanças naturais que chamamos de cataclismas em relação a nós. Como já dito, Deus não intervém incessantemente. Ele não pára o funcionamento das leis naturais porque estamos aqui, fomos nós quem rompemos com Ele! Deus o faz somente em casos excepcionais que cristãos chamam de milagre. E precisamos frisar novamente e mais uma vez que provas materiais de milagres não é o fator máximo de importância do ponto de vista bíblico. O importante é simplesmente o significado que achamos nisto, e especialmente o sinal que dá que o relacionamento com Deus está restabelecido, e Deus demonstra através da proteção, da cura, etc. Um milagre não é uma maravilha. É inclusive, raro e excepcional. Desta maneira, rejeito totalmente, por exemplo, milagres atribuídos ao menino Jesus (fazendo pássaros de barro, e soprando neles para fazê-los voar). Milagres desse tipo, que alguns textos trazem, não têm outro objetivo a não ser confundir aqueles que os vêem. Jesus mesmo, entretanto, nunca fez milagres para maravilhar as pessoas ou para que estas enxergassem nEle o Filho de Deus. Ele recusou-se totalmente a isso. Finalmente, também rejeito totalmente as conhecidas aparições (da Virgem ou de anjos) que nada têm a ver com o que a Bíblia nos ensina sobre as ações de Deus.

Tendo dito isso, não tenho pretensões de ter convencido meus leitores. Meu único empenho foi de colocar melhor as questões para que aqueles que dizem ser ateus ou agnósticos o façam por uma boa razão, não por falsas razões ou caprichos. Quando eu costumava lecionar uma matéria sobre Marx e marxismo (1947-1979), eu sempre dizia a meus alunos que estava tentando ser o mais honesto possível, que não procurava convencê-los de nada, que buscava que, quando eles decidissem ser a favor ou contra o marxismo, que não fossem por idéias vagas ou por certo contexto, mas com um conhecimento preciso e ótimas razões. Poderia dizer o mesmo aqui e agora.

II – A Bíblia como fonte da Anarquia

Minha próxima tarefa é demonstrar por uma leitura leiga da Bíblia que longe de nos oferecer uma base certa para o Estado e para autoridade, com uma vontade maior de compreensão, nos leva a anarquia, não, é claro, no senso comum de desordem, mas no sentido de *anarche*: sem autoridade, sem dominação. Comumente falamos de uma anarquia pura quando vemos desordem. Isso acontece porque o ocidente está convencido de que a ordem possa ser estabelecida na sociedade somente por um poder forte e centralizado e pela força (polícia, exército, propaganda). Para desafiar o poder dessa maneira, é necessária a desordem! Lutero, por exemplo, estava tão temeroso em relação à desordem das revoltas camponesas (uma consequência da sua pregação sobre a liberdade cristã, que grupos de camponeses aceitaram e quiseram manifestá-la) que rapidamente chamou os príncipes para sufocar os levantes. Calvinho poderia mesmo dizer que qualquer coisa é melhor que a desordem social, inclusive a tirania! Citei esses dois autores porque eles me são próximos (enquanto protestante), e também para mostrar que mesmo leitores fiéis da Bíblia e verdadeiros cristãos podem ser cegados pela utilidade óbvia dos reis, príncipes, etc. Eles podem ler a Bíblia somente através deste filtro.

Mas hoje, confrontado pelo esmagamento de indivíduos pelo Estado seja qual for o regime, nós precisamos desafiar este *beemote*³⁴ e portanto, ler a Bíblia diferentemente. É verdade, como veremos, que existem também na Bíblia textos que parecem validar a autoridade. Mas como irei mostrar, creio que há uma corrente geral que leva ao anarquismo, sendo as passagens que favorecem a autoridade, exceções.

I. A Bíblia Hebraica

Após a libertação do Egito, o povo hebreu foi primeiramente liderado por uma pessoa carismática, e durante seus quarenta anos de peregrinação pelo deserto, não havia uma organização precisa (apesar de algumas insinuações no *Êxodo*). Para invadir e conquistar Canaã, tiveram então um líder militar, Josué, mas apenas por um pequeno período de tempo (alguns estudiosos duvidam de fato se os hebreus foram um grupo comum de origem idêntica). Como já esboçado antes, talvez por Moisés, o povo se estabeleceu em clãs e tribos. Todas as doze tribos tiveram seus próprios líderes, mas estes tiveram pouca autoridade concreta. Quando uma decisão importante tinha que ser tomada, com sacrifícios rituais e

³⁴ No original *Behemot*. Animal citado no livro de Jó (40:15-24). Aqui temos um duplo sentido do autor ao utilizar esse nome. O Beemote tanto pode ser o animal mítico judaico que virá no fim dos tempos enfrentar o Leviatã, como também é o nome de um dos livros de Tomas Hobbes, onde o Leviatã é o Estado garantidor da paz e o Beemote simboliza a rebelião e a guerra civil. Beemote ainda, é como os hebreus referiam-se ao hipopótamo. (N. do T.)

orações para inspiração divina, uma assembléia popular era formada e tinha sempre a última palavra. Após Josué, cada tribo começou a ocupar seu próprio território, e muitas das áreas, embora atribuídas, ainda não tinham sido inteiramente conquistadas! Quando as tribos completaram a ocupação, foi organizado um sistema interessante. Não haviam príncipes tribais. Famílias que poderiam ser consideradas como aristocráticas foram destruídas ou subjugadas. O Deus de Israel declarou que a aristocracia era mentira e Ele sozinho seria a chefia de Israel. Entretanto, também não era uma teocracia, pois Deus não tinha representante na terra e assembléias tribais tomavam as decisões.

Uma exceção aconteceu quando a situação se tornou desastrosa por conta de sucessivas derrotas, fome, desordem social, ou por conta da idolatria e retorno à religiões pagãs. Deus então escolheu um homem ou uma mulher que não tinha autoridade específica, mas que Ele inspirou para vencer uma guerra ou liderar o povo de volta à reverência a Deus, ou seja, resolver a crise. Aparentemente quando os “juízes”³⁵ fizeram sua parte eles apagaram a si mesmo e se juntaram ao povo. Esse era obviamente um sistema flexível. Deus não escolhia necessariamente pessoas de famílias ou saúde notáveis. Débora, Gideão, Tola, Jair e Sansão eram mais profetas do que reis. Eles não tinham poder permanente. Somente Deus poderia ser considerado a autoridade suprema. Uma frase significativa no fim do livro de Juízes (21:25) é que “naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto”. Provas podem ser encontradas na história de Abimeleque no capítulo 9.

Um dos filhos de Gideão, sem mandato de Deus, decidiu que, já que ele era da família de quem salvou Israel, deveria suceder seu pai na função. Ele começou com o assassinato de seus irmãos. Ele então reuniu os habitantes de Siquém e Milo (ou Beth-milo) e se auto-proclamou rei. Mas o profeta Jotão se opôs a ele, e dirigindo-se ao povo, contou a eles uma interessante parábola. As árvores se reuniram para eleger um rei e colocá-lo na chefia. Elas escolheram a oliveira. Mas a oliveira recusou, dizendo que seu trabalho era produzir um bom óleo. Escolheram então a figueira, mas esta deu uma resposta parecida: “Deixaria eu a minha doçura, o meu bom fruto, e iria pairar sobre as árvores?” (v. 9). Mas as árvores queriam um rei. Escolheram a videira, mas esta respondeu como as duas primeiras. Aproximaram-se então do espinheiro, que aceitou e determinou de uma vez que aquelas que desobedecessem seriam queimadas por ele. Tendo denunciado Abimeleque, Jotão teve que fugir. Abimeleque reinou por três anos. Os israelitas, acostumados à liberdade, começaram a se revoltar. O resultado foram opressões e massacres. Entretanto, após a vitória sobre os rebeldes, Abimeleque estava passando por uma torre e uma mulher que estava no alto desta atirou uma mó de moinho em sua cabeça e quebrou seu crânio. O sistema dos juízes foi então restaurado.

A história real do poder real (poder central e unificado) começa apenas com a história familiar em 1 Samuel (cap. 8). Samuel era agora o juiz. Entretanto o povo disse a ele que já tiveram o suficiente deste sistema político. Eles queria um rei, assim como as outras nações³⁶. Eles também achavam que um rei seria um líder militar melhor. Samuel protestou e foi a Deus

³⁵ Esses não eram juízes no sentido que temos hoje mas líderes do povo que também mostraram onde residia a justiça e o que ela era.

em oração. O Deus de Israel respondeu: não fique chateado. O povo não rejeitou você, Samuel, mas a mim, Deus. Eles constantemente me rejeitaram desde que os libertei. Aceite seu pedido mas previna-os do que irá acontecer³⁷ [1 Samuel 8:7-9]. Por isso, Samuel retornou à assembléia do povo de Israel e disse que desde que eles quisessem um rei, deveriam ter um. Mas eles deveriam saber o que esse rei faria. O rei iria tirar seus filhos e transformá-los em soldados. Iria tomar suas filhas para seu harém ou para servas. Iria criar impostos e confiscar as melhores terras... O povo respondeu, entretanto, que não se importava. Eles queriam um rei. Samuel também avisou que não adiantaria reclamar depois contra o rei. Mas nada podia ser feito. Aquele que foi escolhido para ser o rei aparece em cena, Saul, que, como sabemos, ficou louco, cometeu todo o tipo de abuso de poder, e foi por fim morto em batalha contra os filisteus.

O segundo rei, Davi, desfrutou de grande renome. Ele foi o grande monarca de Israel. Foi tomado constantemente como exemplo. Eu escrevi em outro lugar que ele foi uma exceção entre os reis de Israel. Entretanto, Vernard Eller é mais duro que eu³⁸. Ele pensa que Davi é um bom exemplo a favor da anarquia. A primeira razão é uma das passagens (2 Samuel 12:7-9) nos mostra que Davi não fez nada sozinho. Foi Deus somente que agiu através dele. A glória de Davi não devia nada ao seu governo (*arché*), mas somente à benevolência de Deus. Eller então demonstra que durante seu reinado fez tudo o que nos séculos seguintes trariam sucessivos desastres aos reis de Israel. Isto, obviamente, é importante (na França, Luís XIV faria todas as coisas que levariam aos erros políticos do século XVIII e consequentemente, à Revolução). Ademais, a Bíblia curiosamente insiste em todos os erros de Davi: a morte dos rivais, arranjar a morte do marido de uma mulher que ele desejava, as guerras civis incessantes de seu reino, etc., então Davi não é mostrado de maneira alguma como inocente ou glorioso.

Depois de Davi, vem Salomão, seu filho. Salomão era justo e direito. Mas o poder subiu à sua cabeça, como fez com outros. Ele impôs impostos esmagadores, construiu palácios que causaram ruína, e tomou 700 esposas e 300 concubinas! Ele começou a adorar outros deuses além do Deus de Israel. Construiu fortalezas em todo lugar. Quando morreu, era odiado por todos. Os anciãos de Israel aconselharam o filho de Salomão, seu sucessor, que adotassem uma política mais liberal, reduzindo impostos e o pesado jugo de servidão. Mas Roboão não os ouviu, e quando o povo se juntou, ele disse: “Meu pai fez pesado o vosso jugo, porém eu ainda o agravarei; meu pai vos castigou com açoites; eu, porém, vos castigarei com escorpiões” (I Reis, 12:14). O povo se revoltou. Eles apedrejaram seu ministro financeiro. Rejeitaram a Casa de Davi. Uma divisão tomou conta. A Tribo de Judá permaneceu leal a Roboão. As outras tribos mobilizaram-se com um ex-ministro de Salomão, Jeroboão.

³⁶ Notamos aqui a atração do poder centralizado. O mesmo é visto na África desde 1950, quando os povos africanos queriam Estados de acordo com o modelo ocidental.

³⁷ Devemos ver que é exatamente isso o que os profetas deviam fazer, não predizer o futuro, mas avisar o povo do que poderia acontecer se ele persistisse no caminho escolhido.

³⁸ Ver Eller, *Christian Anarchy* (Grand Rapids; Eerdmans, 1987).

Ao meu ver essa história toda vale contar, pois mostra o quanto inflexível é a Bíblia, mesmo com os “grandes” reis. É precisamente inflexível no grau em que esses reis representaram em seus dias o equivalente a um Estado: um exército, o tesouro, uma administração, centralização, etc.

Entretanto, isso ainda não é o suficiente sobre o que temos a dizer sobre a monarquia de Israel. Duas observações importantes ainda devem ser feitas. A primeira pode ser resumida brevemente. Podemos dizer que pelas contas bíblicas, reis “bons” são sempre derrotados pelos inimigos de Israel, e os “grandes” reis, que venceram e expandiram as fronteiras do reino sempre são “maus”. “Bons” significa que eles são justos, não abusam de seu poder, e adoram o verdadeiro Rei de Israel. “Maus” significa que eles promovem idolatria, rejeitam a Deus, e ainda são injustos e cruéis. As apresentações são tão sistemáticas que alguns historiadores modernos sugerem que foram escritas por antimonarquistas e partidários (é verdade que nos livros de Crônicas a apresentação não tem um contorno tão nítido). O espantoso para mim é que os textos foram editados, publicados e autorizados pelos rabinos e representantes populares (se alguém pode dizer isso) em uma época em que os reis em questão estavam reinando. Deve ter havido censura e controle, mas mesmo assim os escritos não foram impedidos de circular. Ademais, os textos não foram apenas preservados, mas também considerados como divinamente inspirados. Eles foram tratados como uma revelação do Deus de Israel, quem era, neste modo, apresentado ele mesmo como um inimigo do poder real e do Estado. Os textos eram sagrados. Eles foram incluídos no corpo de textos inspirados (ainda não haviam os cânones). Eles eram lidos em sinagogas (ainda que fossem vistos como propaganda antimonárquica para governantes como Acabe). Os textos eram comentados como a Palavra de Deus na presença de todo o povo. Isso é para mim um fato surpreendente que demonstra evidências do pensamento dominante do povo judeu dos séculos VIII a IV a.C.

Além disso, os mesmos textos e todos os livros proféticos trazem à luz um fenômeno político muito estranho, isto é, que para cada rei houve um profeta. O profeta (por exemplo, no caso de Davi) foi na maior parte do tempo uma crítica severa aos atos reais. Ele clamava vir da parte de Deus e carregar uma Palavra de Deus. Essa Palavra era sempre em oposição ao poder real. Naturalmente, os profetas eram freqüentemente expulsos; eram obrigados a fugir; eram presos; ameaçados de morte, etc. Mas isso não fazia diferença alguma. Seu julgamento era considerado como verdade. E novamente seus escritos, geralmente em oposição ao poder, eram preservados, eram considerados como uma revelação de Deus, e eram ouvidos pela população. Nenhum dos profetas veio em auxílio a algum rei; nenhum foi um conselheiro leal; nenhum foi “integrado”. Os profetas era uma contra-força, como poderíamos dizer hoje. Esta contra-força não representava o povo – representava Deus. Até mesmo reis idólatras achavam extremamente complicado negociar com esses representantes de Deus em quem o povo confiava. Os profetas afirmaram incessantemente que os reis estavam errados, que as políticas que estes estavam utilizando teriam consequências, e estas deveriam ser vistas como julgamento divino. Às vezes os reis apelavam para outros que também clamavam estar falando em nome de Deus, e que eram profetas. Havia então uma batalha de profetas. Mas os escritos

preservados sobre Isaías e Jeremias mostram que cada vez os verdadeiros profetas prevaleciam contra os falsos. Aqui novamente encontramos o mesmo estranho fenômeno como antes. Nenhum das falsas profecias que eram favoráveis aos reis foram preservadas nas escrituras sagradas. Entretanto, as lutas dos verdadeiros profetas foram preservadas, e o fato de que logicamente a autoridade real deveria ser reprimida, demonstra então que temos em suas declarações a Palavra de Deus. Ao meu ver, esses fatos manifestam de uma maneira surpreendente um constante sentimento antimonárquico, senão antiestatal.

Não terminamos ainda. Temos que adicionar mais dois fatores. Com respeito ao fim do século IV a.C. encontramos um livro espantoso chamado Eclesiastes (ou Qohelet). Este livro desafia seriamente o poder político³⁹. Este livro é supostamente um trabalho de Salomão, o grande rei, o mais rico e o mais poderoso. Mas desde o começo Salomão aprendeu que poder político é vaidade e um exercício efêmero. Ele possuía tudo o que o poder real poderia dar. Ele construiu palácios e promoveu as artes. Mas nada disso significou nada. Não é essa a única crítica ao poder político. No versículo 16 de terceiro capítulo do referido livro, nos é dito que “no lugar do juízo reinava a maldade e no lugar da justiça, maldade ainda”. O autor também vê o mal que há naquilo que chamaríamos hoje de burocracia (uma filha da hierarquia). “Se vires em alguma província opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça, não te maravilhes de semelhante caso; porque o que está alto tem acima de si outro mais alto que o explora, e sobre estes há ainda outros mais elevados que também exploram”. E o texto conclui ironicamente: “O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo” (5:8-9). Mas então há um ataque virulento contra toda dominação: “há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo” (8:9). Finalmente, ironia de novo: “Nem no teu pensamento amaldiçoes o rei, nem tampouco no mais interior do teu quarto, o rico; porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz, e o que tem asas daria notícia das tuas palavras” (10:20). Portanto o poder político tem espías em todo lugar, até mesmo em seu quarto, não diga nada contra ele, se quiser continuar vivendo!

Para concluir devemos ver o fim da monarquia judaica. A Palestina foi conquistada pelos gregos, e então se tornou parte do reino Selêucida (fim do século III a.C.) Veio então a Revolta dos Macabeus para libertar a Judéia e especialmente Jerusalém. A guerra de libertação foi longa e sangrenta, mas a vitória veio em 163 a.C. Muitos partidos políticos lutam então pelo poder. De uma ditadura colonial, os judeus caem em uma ditadura judaica, o Reino Hasmoneu de Israel, que não foi somente corrupta, mas caracterizada por intrigas palacianas (um rei deixou a mãe morrer de fome, outro assassinou seus irmãos, etc.). Essas coisas fizeram os judeus devotos tornarem-se hostis à essa dinastia, e o povo estava tão desgostoso que preferiu apelar a um reino estrangeiro para livrá-los do seu rei israelita. A deposição não aconteceu, mas temos aqui uma explanação da hostilidade a todo poder político que prevaleceu no século I a.C.

A história do colapso da monarquia de Israel ainda não está no fim. Os romanos apareceram na Palestina em 65 a.C. Pompeu cercou Jerusalém e a tomou, seguido de um

³⁹ Conforme meu *Reason for Being: A Meditation on Ecclesiastes* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990).

horrível massacre. Quando Pompeu celebrava seu triunfo em Roma, Aristóbolo, o último rei Hasmoneu, estava entre os prisioneiros. Uma luta abominável pela sucessão começou então entre as principais famílias judaicas. Obviamente, a lei de Deus e a solidariedade da fé significavam nada para os líderes.

Foi Herodes, o filho de um protegido de César, que foi designado governador da Galiléia pelos romanos. Herodes adotou uma política rigorosa e restaurou a ordem em que se tornou um mundo de terrível depredação. Ele condenou a morte o líder maior dos salteadores (os ataques de guerrilha às autoridades políticas tinha tornado-se agora banditismo puro e simples). Os inimigos o acusaram perante a corte suprema “política”, o Sinédrio (que nada fez e não tinha um poder verdadeiro), baseando-se na fala de que Herodes tinha usurpado a prerrogativa desta corte, tomando para si o poder de vida e morte. Mas Herodes, sabendo que tinha o apoio romano, mostrou tal segurança e arrogância perante o Sinédrio, que este júri tímido não ousou fazer nada contra ele. Herodes retornou a Jerusalém com um exército, mas seu pai interveio e o preveniu contra uma nova guerra. Seu poder foi aumentando progressivamente. Em 37 a.C. ele se tornou o verdadeiro rei de toda a Palestina numa aliança com Roma. Um governador regia com ele, mas Herodes não estava sob a autoridade do governador. Ele dependia diretamente do *princeps* (imperador) de Roma.

Equipado com tal poder, ele engajou uma atividade política considerável. Impôs uma administração cerrada no país todo, com controle policial. Ele também iniciou construções. Construiu cidades inteiras em honra a Augusto, e um magnífico tempo de Augusto (ele foi um dos que propagaram o culto ao imperador no Oriente). Ele também construiu fortificações pesadas em Jerusalém. Finalmente, em 20 a.C., começou a construir um novo templo (como podemos ver, ele era eclético) para o Deus de Israel. Ele aumentou a esplanada (com enormes muralhas, uma delas sendo o famoso Muro das Lamentações). Ele também ergueu uma suntuosa estrutura com ornamentos de ouro, etc. Ele veio a ser conhecido como Herodes o Grande. Mas ele apenas poderia começar esse programa de obras impondo pesados impostos e oprimindo o povo, até mesmo ao ponto de trabalho forçado. Não devemos esquecer que antes dele o país esteve entregue a 150 anos de guerra civil e uma devastação incomparável. A terra estava arruinada e haviam fomes freqüentes. Violência e terror eram os instrumentos do governo, como podemos imaginar. A única realidade que contou para Herodes foi a amizade e o apoio de Roma e do imperador.

Herodes morreu em 4 d.C., e a disputada sucessão resultou em novas guerras civis. Roma então apreendeu uma parte do reino de Herodes. Finalmente, um de seus filhos, Herodes Antipas, retomou parte do reino. Antipas levava uma vida completamente insana, de crimes e devassidão. Devemos ter isso em conta se quisermos entender o que se seguiu. Como o povo de Israel reagiu ao governo de Roma por um lado (que era menos severo que o da coroa judaica) e a violência de Herodes por outro? (O curioso aqui é que, exceto pelo livro de Daniel, nenhum texto mais é reconhecido pelo povo e pelos rabinos como inspirado divinamente. Exceto por João Batista, não houveram mais profetas). O que encontramos são duas reações. Uma foi violenta. Essa dinastia indigna e os invasores romanos deveriam ser

expulsos do país. O país, então, não era somente uma presa nos conflitos entre seus líderes. Era também um fermento à atividade de bandos de guerrilha (chamados de brigadas), que lutavam contra a casa real e Roma pelos métodos usuais: ataques, assassinatos de pessoas importantes, etc. A outra reação, dos devotos, foi a de retirada dessa situação horrível. Essas pessoas piedosas estabeleceram comunidades religiosas fervorosas, evitaram problemas seculares, e devotaram-se somente a orar e adorar. Entre eles, foi desenvolvida uma tendência apocalíptica, de um lado profetizando o fim do mundo (que tinha sido anunciado há muito: Quando você vê a abominação da desolação aparecendo onde não deveria – como melhor descrever as dinastias de Herodes e dos Hasmoneus?), e de outro lado esperando a vinda do Messias de Deus, que deveria colocar tudo em ordem e restabelecer o reino de Deus.

Com suas maneiras diferentes, as duas reações não atribuíram valor algum ao Estado, à autoridade política, ou à organização dessa autoridade.

2. Jesus

Esse foi o panorama geral no qual Jesus nasceu. O primeiro evento que o Evangelho de Mateus registra sobre Ele não deixa de ter interesse. Herodes o Grande ainda estava no poder. Ele tinha ouvido que uma criança havia nascido em Belém, e os boatos que circulavam diziam que essa criança seria o Messias de Israel. Ele percebeu logo que problema isso poderia causar a ele e então ordenou que todas as crianças menores de dois anos em Belém e nas vizinhanças deveriam ser mortas. A exatidão dessa história é irrelevante para o meu propósito. O importante é que temos a história, e que ela estava largamente difundida entre o povo, e que os primeiros cristãos a aceitaram (não podemos esquecer que eles eram judeus), e a colocaram em um texto que eles consideraram divinamente inspirado. Isso mostra que a opinião era de Herodes, e do seu poder. Esse foi o primeiro contato do menino Jesus com o poder político. Não estou dizendo que isso influenciou em suas atitudes posteriores, mas indiscutivelmente deixou uma marca em sua infância.

O que eu realmente quero apontar aqui através de uma série de incidentes, não é que Jesus foi um inimigo do poder, mas Ele o tratou com desdém, e que não concordava com nenhuma autoridade. De todas as formas, Ele o desafiou radicalmente. Ele não usou métodos violentos para destruir o poder. Recentemente houveram muitas falas sobre um Jesus guerrilheiro que, as pessoas pensavam, poderia expulsar os romanos. Eu acho que existem dois enganos aqui. Nada apóia a idéia de um Jesus guerrilheiro, como a que encontramos, por exemplo, em P. Cardonnel, que conclui através da limpeza do templo e do pedido de Jesus por duas espadas, que os discípulos tivessem um estoque de armas. Um fato simples demonstra o quanto impossível é essa teoria. Entre os discípulos, haviam zelotes (Simão e Judas), que apoiam a violência, mas também haviam colaboradores dos romanos (Mateus), e os dois grupos foram capazes de andar juntos. Jesus nunca exaltou a violência; se Ele fosse um líder de guerrilha, o mínimo que poderíamos dizer é que Ele foi um tolo. Suas viagens,

especialmente a última jornada à Jerusalém, não fariam um sentido tático, e inevitavelmente o levariam à prisão.

Outro erro, e ainda mais espalhado, é que todos os judeus estavam essencialmente preocupados com a expulsão dos invasores romanos. Sem dúvida, havia ódio em relação aos goys⁴⁰, e um desejo de expulsar os invasores. Os massacres perpetrados pelos romanos eram constantemente lembrados. Mas não era tudo. Somado a isso, judeus patriotas não podiam esquecer que os reis da Judéia eram apontados pelos romanos e não poderiam permanecer no poder sem o suporte destes. O ódio pelos romanos combinava com o desejo de se verem livres de Herodes. Mesmo entre as seitas mais devotas, como os Essênios, havia uma expectativa da vinda de um personagem misterioso que seria um Professor de Retidão, que não teria poder político, mas que poderia dar a verdadeira liberdade ao povo judeu, ao estabelecer não um poder temporal ou militar, mas sim espiritual, como vemos em certos apocalipses judaicos da época. Eu não me arriscaria a dizer que essas seitas tinham uma esperança anarquista, mas muitos textos sugerem isso.

Quando Jesus começou seu sacerdócio público, os Evangelhos contam a história da sua tentação. O diabo o tenta três vezes. A tentação importante nesse contexto é a última (em Mateus). O inimigo leva Jesus à uma alta montanha e mostra a Ele todos os reinos do mundo e a sua glória: “E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mateus 4:8-9), ou: “Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser. Portanto, se prostrado me adorares, toda será tua” (Lucas 4:6-7). Novamente, minha preocupação não é com a veracidade dos escritos nem com os problemas teológicos. Minha preocupação é com os pontos de vista dos escritores, com as convicções pessoais que são expressas aqui.

Não deixa de ter importância enfatizar, talvez, que os dois Evangelhos foram provavelmente escritos com comunidades cristãs de origem grega, não judeus que eram influenciados pelo ódio ao qual nos referimos anteriormente. A referência nestes textos, então, é ao poder político em geral (“todos os reinos do mundo”) e não somente à monarquia de Herodes. O mais extraordinário é que de acordo com esses textos, todos os poderes, todo o poder e glória dos reinos, tudo o que tem a ver com política e autoridade pertence ao diabo. Tudo lhe foi dado, e ele dá a quem ele quiser. Aqueles que tem o poder político recebem dele e dele dependem. (É impressionante que em inúmeras discussões teológicas de legitimidade do poder político, ninguém nunca invocou estes textos!). O fato não é menos importante do que o fato de que Jesus rejeitou a oferta do diabo. Jesus não replicou ao diabo: “Isso não é verdade. Você não tem poder sobre reinos e Estados.” Ele não disputa esse direito. Ele recusa a oferta porque o diabo exige que Ele deveria se prostrar perante ele e adorá-lo. Esse é o ponto base quando Ele diz: “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.” (Mateus 4:10). Podemos assim dizer que entre os seguidores imediatos de Jesus e na primeira geração de autoridades políticas cristãs – que nós chamamos de Estado – pertenceram ao diabo, e aqueles que mantiveram o poder receberam-no dele. Temos que nos lembrar disso quando estudamos o

⁴⁰ No original em inglês *goyim*. Forma hebraica/judaica de se referir a estrangeiros. (N. do T.)

julgamento de Jesus.

Uma questão importante é por que a referência aqui é feita ao diabo. O *diabolos* é etimologicamente o “divisor” (não uma pessoa). O Estado e a política são portanto razões primárias para a divisão. Esse é o ponto de referência para o diabo. Não temos aqui uma imagem primitiva e simplista, ou uma designação arbitrária. O que temos é um julgamento que não é apenas religioso, e que expressa tanto experiência quanto reflexão. Esse julgamento foi obviamente facilitado pelas horríveis lacerações causadas entre o povo pelas dinastias de Herodes e dos Hasmoneus, e as revoltas e conflitos civis. Contudo a primeira geração cristã pode ter sido totalmente hostil ao poder político e consideraram-no como uma coisa ruim, não importando sua orientação ou estruturas constitucionais.

Agora, entraremos nos textos registrados como as próprias palavras de Jesus, e que os exegetas consideram como todas provavelmente autênticas. Não temos aqui interpretações cristãs primitivas, mas posições próprias de Jesus (que, evidentemente, foram a fonte de interpretação desses cristão primitivos). Há cinco falas principais.

Naturalmente, a primeira é a famosa: “Daí a César”. Irei rapidamente relembrar a história (Marcos 12:13ff). Os inimigos de Jesus tentavam apanhá-lo em armadilha, e os herodianos suscitarão a questão. Tendo elogiado Jesus e sua sabedoria, eles Lhe perguntaram se os impostos deveriam ser pagos ao imperador: “é lícito dar o tributo a César, ou não? Daremos, ou não daremos?” A questão em si é esclarecedora. Como o texto nos conta, eles estavam tentando as próprias palavras de Jesus para pegá-lo. Se eles colocaram essa questão, então, é porque ela já estava sendo debatida. Jesus tinha a reputação de ser hostil a César. Se conseguissem levantar a questão com uma possibilidade de acusar Jesus perante os romanos, histórias começariam a circular de que Ele estava dizendo às pessoas que não pagassem impostos. Como Ele sempre fazia, Jesus evita a armadilha ao fazer uma réplica irônica: “Trazei-me uma moeda, para que a veja.” Quando isso foi feito, Ele mesmo faz uma pergunta: “De quem é esta imagem e inscrição?” Evidentemente era uma moeda de Roma. Um dos meios de integração do império usado pelos romanos era fazer circular uma moeda única através do mesmo. Este se tornou o sistema monetário básico, pelo qual todos os outros eram medidos. Os herodianos responderam a Jesus: “De César”. Agora, devemos ter a consciência de que no mundo romano, uma marca pessoal em um objeto denotava posse, como marcas no gado no oeste americano no século XIX.

A marca era o único modo pelo qual a posse poderia ser reconhecida. Na estrutura do Império Romano, isso era aplicado a todos os bens. Todas as pessoas tinham suas próprias marcas, tais como um selo, estampa ou um sinal pintado. A face de César nessa moeda era mais que uma decoração ou marca de honra. Significava que todo o dinheiro em circulação no império pertencia a César. Isso é muito importante. Aqueles que tinham o dinheiro, eram donos muito precários. Eles nunca realmente possuíram as peças de bronze ou prata. Sempre que um imperador morria, a imagem mudava. César era o proprietário exclusivo. Jesus, então, teve uma resposta muito simples: “Dai pois a César o que é de César”. Vocês encontram a imagem dele nessa moeda. A moeda, então, pertence a ele. Devolvam quando ele pedi-la.

Com essa resposta Jesus não diz que impostos são legais. Ele não aconselha obediência aos romanos. Ele apenas mostra as evidências. Mas o que realmente pertence a César? O excelente exemplo usado por Jesus torna isso óbvio: qualquer coisa que tiver sua marca! Aqui está a base e o limite de seu poder. Mas onde está a sua marca? Em moedas, monumentos públicos, e em certos altares. Isso é tudo. Dêem a César. Vocês podem pagar o imposto. Fazer isto é sem importância ou significado, pois todo dinheiro pertence a César, e se ele quisesse, poderia simplesmente confiscá-lo. Pagar ou não impostos não é uma questão básica; não é nem mesmo uma verdadeira questão política.

Por outro lado, qualquer coisa que não tiver a marca de César não pertence a ele. Tudo pertence a Deus⁴¹. Isto é onde surge a verdadeira objeção consciente. César não tem qualquer direito sobre o resto. Primeiro nós temos vida. César não tem o direito sobre a vida e a morte. César não tem o direito de mergulhar pessoas na guerra. César não tem o direito de devastar e arruinar um país. O domínio de César é muito limitado. Podemos nos opor à maioria de suas pretensões em nome de Deus. Jesus desafia os herodianos, então, mas eles não tem objeções ao que Ele diz. Eles também eram judeus, e sendo que o texto nos conta que aqueles que levantaram a questão eram fariseus, assim como herodianos, podemos ter certeza de que alguns deles eram judeus devotos. Por isso, eles não podiam contestar a declaração de que o resto é de Deus. Ao mesmo tempo, Jesus estava respondendo indiretamente aos zelotes que queriam transformar a luta pela libertação de Israel em uma luta política. Ele os lembrou qual era o limite assim como a base da luta.

A segunda fala de Jesus sobre autoridades políticas vem em uma discussão espantosa. Os discípulos estavam acompanhando-O a Jerusalém, onde alguns deles pensavam que ele deveria tomar o poder. Eles discutiam quer deveria ser o mais próximo quando Ele governasse (Mateus 20:20-25). A esposa de Zebdeu apresentou seus dois filhos, Tiago e João, e faz o pedido expresso que Jesus ordenasse que, os dois a quem ela apontou (embora Jesus os conhecesse bem o suficiente!) devessem sentar à sua direita e à sua esquerda em seu reino. Vemos aqui novamente o clima geral de incompreensão no qual Jesus viveu, pois Ele acabara de contar aos discípulos que ele sabia que seria violentamente morto em Jerusalém. Ele portanto disse a eles primeiro que eles não tinha entendimento. Ele então concluiu com a declaração que nos é relevante: “Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal”. Observe que Ele não faz distinção ou reserva. Todos os governantes de nações, não importa a nação ou o regime político, o faz. Não pode haver poder político sem tirania. Isto é claro e certo para Jesus. Quando há governantes e grandes líderes, não é possível que exista algo como bom poder político. Novamente o poder é chamado à questão. Poder corrompe. Podemos achar um eco

⁴¹ É extraordinário que J. J. Rousseau tenha atacado esta fala (O Contrato Social, IV, 8) fundamentando que a fixação do reino de César e do Reino de Deus em antítese gerariam divisões internas que quebraria as nações. Todas as instituições que trazem a humanidade a se contradizer, diz Rousseau, devem ser rejeitadas. Sua conclusão, então, é de que o Estado deve ser o grande mestre de uma “religião civil”, uma religião estatal!

do versículo que estudamos anteriormente de Eclesiastes. Mas notamos também que Jesus não advoga revolta ou conflito material com esses reis. Ele inverte a questão, e desafia seus interlocutores: “Mas vós ... Não será assim entre vós”. Em outras palavras, não sejam tão preocupados em batalhar contra reis. Deixem-nos serem. Estabeleçam uma sociedade marginal que não estará interessada em tais coisas, na qual não haverá poder, autoridade ou hierarquia⁴². Não façam coisas como elas normalmente são feitas na sociedade, a qual você não pode mudar. Crem outra sociedade sob outra fundação.

Poderíamos condenar esta atitude, falando de despolitização. Como veremos, esse foi na verdade, a atitude global de Jesus. Entretanto, devemos ter em conta que isso não é dessocialização. Jesus não está nos aconselhando a deixar a sociedade e ir para o deserto. Seu conselho é de que devemos permanecer na sociedade e nos organizarmos em comunidades que obedeçam outras regras e outras leis. Esse conselho repousa na convicção de que não podemos mudar o fenômeno do poder. E isso é profético no sentido de considerarmos o que a igreja se tornou quando entrou no campo político e começou a brincar de política. Ela foi imediatamente corrompida pela relação com o poder e pela criação de suas próprias autoridades. Finalmente, é claro, uma objeção acertada é que montar comunidades independentes fora do poder político era relativamente fácil nos dias de Jesus, mas que não é mais possível hoje. Essa é uma objeção real mas é difícil o suficiente para nos convencer a engajar-nos na política, que é sempre um meio de conquistar os outros e exercer poder sobre eles.

A terceira fala que eu desejo apresentar trata sobre impostos novamente, e a questão que é colocada é muito parecida com a que já vimos. Nós a lemos em Mateus 17:24-27 que, “chegado eles a Cafarnaum, aproximaram-se de Pedro os que cobravam as dracmas, e disseram: ‘O vosso mestre não paga as dracmas?’ Disse ele: ‘Sim’. E, entrando em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: ‘Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos, ou o censo? Dos seus filhos, ou dos alheios?’ Disse-lhe Pedro: ‘Dos alheios’. Disse-lhe Jesus: ‘Logo, estão livres os filhos. Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir, e abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o, e dá-o por mim e por ti’.”

Naturalmente, por um longo tempo a atenção se focou no milagre. “Jesus estava fazendo dinheiro como um mágico!” Mas o milagre não tem uma real importância. Ao contrário, temos que lembrar que os milagres de Jesus são diferentes das maravilhas. Ele realiza milagres de cura pelo amor e pela compaixão. Ele realiza alguns milagres extraordinários (por exemplo, acalmar a tempestade) para ajudar as pessoas. Ele nunca realiza milagres para assombrar as pessoas, ou para provar o seu poder ou aumentar a crença em sua filiação divina. Ele se recusa a fazer milagres por pedidos. Se as pessoas dizem: faça esse milagre e acreditaremos em você, Jesus se recusa absolutamente (por isso a fé não é ligada a milagres!). O milagre do tipo que é apresentado nesse caso é inconcebível nele por ele mesmo. Qual é o ponto disso então?

⁴² Algo sempre surpreendente quando leo discursos desta natureza, é que a igreja foi capaz de montar suas próprias hierarquias, princípios e primazias.

O primeiro caso é que Jesus não devia o imposto. O imposto das dracmas era o imposto do templo. Mas esse não era simplesmente para o auxílio dos sacerdotes. Era também cobrado pelo rei Herodes. Ele foi então imposto para propósitos religiosos mas boa parte era tomado pelo governante. Jesus reivindica que ele é um filho, não simplesmente um judeu, mas o Filho de Deus. Por isso ele claramente não deve esse imposto religioso. Entretanto, não vale a pena causar ofensas por um problema tão pequeno, ou seja, causando ofensa aos pequenos do povo que levantavam a oferta, pois Jesus não gostaria de ofender os humildes. Ele então transforma o problema em uma coisa ridícula. Esse é o ponto do milagre. O poder que impõe a coleta é ridículo, e Ele então realiza um milagre absurdo para mostrar o quanto não importante o poder é. O milagre mostra a completa indiferença de Jesus ao rei, às autoridades do templo, etc. Pegue um peixe – qualquer peixe – e você encontrará a moeda em sua boca. Encontramos de volta a atitude típica de Jesus. Ele desvaloriza os poderes políticos e religiosos. Ele torna isso evidente que não vale a pena se submeter e obedecer exceto de uma maneira ridícula. Uma ação que era possível nos seus dias, mas não hoje. Ao mesmo tempo que isso foi um acúmulo de pequenos atos dessa natureza que viraram as autoridades contra Ele e levaram à sua crucificação.

A quarta fala de Jesus diz respeito mais à violência do que ao poder político. É o conhecido pronunciamento: “todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão” (Mateus 26:52). O preâmbulo à fala apresenta uma dificuldade. De acordo com Lucas, Jesus surpreendentemente pede a seus discípulos para comprarem espadas. Eles tem duas, e Jesus lhes diz ser o suficiente! O outro comentário de Jesus explica em parte a afirmação surpreendente, onde Ele diz: “Porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeiteiros foi contado” (Lucas 22:36-37). A idéia de lutar apenas com duas espadas é ridícula. As duas espadas são o suficiente, entretanto, para justificar a acusação de que Jesus é o líder de um bando de salteadores. Notamos aqui que novamente Jesus está conscientemente cumprindo as profecias. Se Ele não estivesse, a fala não teria sentido algum.

Mas agora vamos tomar a fala relevante que foi proferida na hora da prisão de Jesus. Pedro tentava defender seu mestre. Ele feriu um dos guardas. Jesus disse para que ele parasse, e então proferiu a celebrada frase que é um julgamento absoluto de tudo que é baseado na violência. Violência só pode gerar mais violência. Um ponto importante a se dizer é que a fala é repetida em Apocalipse 13:10. O novo e significante fator aqui é que a referência da passagem é a besta que emerge do mar. Tenho tentado demonstrar que a esta besta representa poder político em geral e suas várias formas de força⁴³. A besta que se ergue na terra é o equivalente ao que chamamos hoje de propaganda. A primeira besta, então, é o Estado, que usa de violência e controla tudo sem respeito algum pelos direitos humanos. É face a face com esse Estado que o autor diz: “se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto”. O significado, lógico, é ambivalente. Por um lado, podemos ter aqui um choro desesperado. Desde que o Estado usa a espada, este será destruído pela espada, como

⁴³ Ver meu *Apocalypse: The Book of Revelation* (New York: Seabury, 1977), p. 92. Ver adiante para mais explicações.

séculos de história têm mostrado. Entretanto, podemos visualizar também a fala como um comando para cristãos. Não lute contra o Estado pela espada, pois se o fizer, será morto pela espada. De novo, portanto, somos orientados à não-violência.

O julgamento de Jesus é o último episódio em sua vida que temos que considerar neste contexto. Ele foi julgado duas vezes perante o Sinédrio e uma perante Pilatos. Antes de irmos à suas atitudes, devemos lidar primeiramente com uma questão preliminar. Muitos teólogos, incluindo Karl Barth, levam-na em consideração desde que Jesus concordou em aparecer perante a jurisdição de Pilatos, mostrando respeito pelas autoridades, e não se revoltou contra o veredito, isso prova que Ele considerou a jurisdição como legítima, e portanto, temos aqui uma base para o poder do Estado. Tenho que dizer que achei esta interpretação assombrosa, pois eu li a história precisamente pelo caminho oposto. Pilatos representa a autoridade romana e aplica a lei romana. Reconheço que nenhuma civilização nunca criou nem desenvolveu tão bem uma lei que poderia gerar decisões tão justas em julgamentos, debates e conflitos. Digo isso sem ironia. Ensinei direito romano por vinte anos e descobri todos os nuances e toda a habilidade dos juristas cujo único objetivo era dizer o que era correto. Eles definiram a lei como a arte do bem e do equitativo, e posso assegurar que em centenas de casos concretos foram tomadas decisões que demonstraram que de fato estava sendo feita justiça. Os romanos não eram lutadores ferozes ou conquistadores em primeira instância, como são comumente descritos. Sua maior façanha é o direito. Um pequeno problema que virtualmente ninguém considera é que seu exército, falando sério, nunca foi grande. Ele parece ter possuído no máximo 120 legiões⁴⁴, e essas estavam quase todas estacionadas nas bordas do império. Elas vinham para o interior somente em caso de rebelião. A ordem do império não era uma ordem militar. Ela foi mantida através de habilidades administrativas e através do equilíbrio estabelecido pelas medidas hábeis e satisfatórias que o império sustentou por cinco séculos. Devemos ter isso em mente ao considerar o que a história do julgamento nos conta.

A lei a qual os romanos eram tão orgulhosos e que dava as soluções mais justas – o que ela fez nesse caso? Permitiu que um procurador romano entregasse à plebe e condenasse um homem inocente à morte sem uma razão válida (como o próprio Pilatos reconheceu!). Isso, então, é o que podemos esperar de um excelente sistema legal! O fato de Jesus se submeter ao julgamento nessas circunstâncias não é um reconhecimento da legitimidade da autoridade do governo. Ao contrário, é um desvelar da injustiça básica do que se propõe a ser justiça. É o que é sentido quando dizem que no julgamento de Jesus todos aqueles que foram condenados à morte e crucificados pelos romanos foram perdoados. Portanto, encontramos aqui mais uma vez a convicção dos escritores bíblicos de que toda autoridade é injusta. Achamos um eco das palavras de Eclesiastes 3:16, que diz “que no lugar do juízo havia impiedade, e no lugar da justiça havia iniqüidade.”⁴⁵

⁴⁴ Uma legião continha em média de 4.000 a 8.000 homens, dependendo das baixas. As legiões comandadas por César na Gália, não ultrapassavam o contingente de 3.000 homens cada. Um número relativamente baixo para batalhas campais. (N. do T.)

⁴⁵ Os autores do Novo Testamento obviamente conheciam essas palavras, pois Eclesiastes era solenemente lido todo ano no Festival de Sukkot.

Agora, vamos dar uma olhada nas palavras e nas atitudes de Jesus durante o julgamento. Existem diferenças entre os quatro Evangelhos. As falas não são exatamente as mesmas, nem foram feitas diante das mesmas pessoas (às vezes no Sinédrio, outras perante Herodes ou Caifás). Mas a atitude é sempre a mesma, seja na forma de silêncio, de acusação das autoridades, ou de provocação deliberada. Jesus não está pronto para debater, para se desculpar, ou reconhecer que as autoridades tenham algum poder verdadeiro. Esse é o ponto principal. Colocarei em ordem os três aspectos das atitudes dEle.

Primeiro, há o silêncio. Perante os sacerdotes chefes e o Sinédrio todo, Jesus fica em silêncio. Todos os relatos concordam que eles procuraram culpa nele, e que não acharam nenhuma, mas por fim, dois homens disseram que Ele disse q iria destruir o templo (Mateus 26: 59-60). Jesus nada disse. As autoridades se surpreenderam e ordenaram que Ele se defendesse, mas Jesus permanece em silêncio. O mesmo é verdade perante Pilatos (relatado somente em Lucas 23:6). Herodes O trouxe à sua presença pois desejava falas com Ele. Entretanto, Jesus não respondeu nenhuma de suas questões. Perante Pilatos, Mateus e Marcos nos contam que Ele adotou a mesma postura. Isso é o mais surpreendente no sentido de que Pilatos poderia condená-lo mas não estava indisposto contra Jesus. Muitas pessoas acusavam-nO perante Pilatos. Os sacerdotes chefes trouxeram muitas acusações e Pilatos perguntou se Ele não tinha resposta, mas Jesus não respondeu (Mateus 27:12-). Sua atitude era de total rejeição e escárnio por toda autoridade política ou religiosa. Parecia que Jesus não reconhecia essas autoridades, então, era completamente inútil se defender. Por outro ponto de vista, Ele “tomou” as ofensas e manifestou desdém e ironia. Quando perguntado se Ele era o Rei dos Judeus, de acordo com dois de três relatos, Ele deu a irônica resposta: “Tu o dizes” (Marcos 15:2, Mateus 27:11). Ele próprio não fez declaração alguma sobre o assunto; eles poderiam dizer o que quisessem!

Segundo, Sua atitude envolve acusação contra as autoridades. Ele disse ao chefe dos sacerdotes: “Saístes, como a um salteador, com espadas e varapaus? Tenho estado todos os dias convosco no templo, e não estendestes as mãos contra mim, mas esta é a vossa hora e o poder das trevas” (Lucas 22:52-53). Em outras palavras, ele acusa expressamente os sumos sacerdotes de serem um poder do mal. João relembra um episódio similar (18:20-21) mas com uma resposta diferente, que é meio ironia, meio acusação. Quando o sumo sacerdote Anás lhe pergunta sobre seus ensinamentos, Jesus responde: “Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde os judeus sempre se ajuntam, e nada disse em oculto. Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito”. Quando um dos oficiais o agride por sua resposta insolente, Jesus diz a ele: “Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres?” Ao longo das mesmas linhas de acusação, há outro texto ambíguo em João 19:10-11. Pilatos diz a Jesus: “Não me falas a mim? Não sabes tu que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?” E Jesus responde: “Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem.” O famoso “de cima” foi entendido diferentemente. Aqueles que pensam que o poder político é de Deus acham nisso

uma confirmação. Jesus está reconhecendo que Pilatos tem o seu poder de Deus! Mas nesse caso, desafio qualquer um a explicar o que significa a segunda parte da resposta. Como pode aquele que entregou Jesus ser culpado se Ele foi entregue à uma autoridade que vem de Deus? Uma segunda interpretação é puramente histórica. Jesus está dizendo a Pilatos que o seu poder lhe foi dado pelo imperador. Devo dizer, contudo, que não consigo ver sentido nisso. Qual é o caso em Jesus dizer a Pilatos que este depende do imperador? Qual é a relevância para a discussão deles? Por fim, há uma interpretação rara, que eu mesmo favoreço. Jesus está dizendo a Pilatos que seu poder vem do espírito do mau. Isso vai de acordo com o que dissemos sobre as tentações, que todo os poderes e reinos deste mundo dependem do diabo. Vai de acordo também com a resposta que Jesus dá ao sumo sacerdote que vimos acima, que o poder das trevas estava agindo em Seu julgamento.

A segunda parte da frase é mais fácil de explicar. Jesus está dizendo a Pilatos que seu poder vem do espírito do mal, mas aquele que O entregou a Pilatos, e, portanto, a esse espírito, é mais culpado que o próprio Pilatos. Óbvio! Se aceitarmos o fato que estes textos, que sem dúvida reproduzem uma tradição oral, relacionada à atitude de Jesus no julgamento, e provavelmente contém suas palavras exatas, formulando a opinião geral da primeira geração cristã, por que os escritores não deixaram claro que Pilatos tinha seu poder proveniente do espírito do mal? Por que eles fizeram um texto tão ambíguo? Eu acho que a questão é bem simples. Não podemos esquecer que os Evangelhos foram escritos em um tempo que os cristãos estavam sob suspeita, e alguns textos eram codificados, para que seu significado não fosse tão claro!

Terceiro, encontramos provocação por parte de Jesus. Quando o sumo sacerdote lhe pergunta se Ele era o Messias, o Filho de Deus, Ele responde: “Tu o dizes”, mas ele acrescentou: “eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mateus 26:64)⁴⁶. Em relação a todo o ensino teológico daquele tempo, isso é ridículo. Jesus não disse que ele era o Cristo, ou que ele estaria à direita do poder. Ele não disse “eu”, Ele disse “o Filho do Homem”. Para aqueles que não estão familiarizados com a Bíblia, deve ser dito que Jesus nunca disse que Ele era o Cristo (Messias) ou o Filho de Deus. Ele sempre se chama de o Filho do Homem (o verdadeiro homem). Ele estava obviamente escarnecedo o sumo sacerdote quando disse: “desde agora”, ou seja, desde o momento que você me condena (achamos a mesma resposta em Marcos, e isso aparenta ter sido proferido por Jesus e decretado para a primeira geração cristã).

Provocação parecida é registrada em João 18:34 em diante, dessa vez, perante Pilatos. Como sempre, Jesus tentava desconcertar Pilatos. Quando Pilatos perguntou: “Tu és o Rei dos Judeus?” (v. 33), Jesus respondeu: “Tu dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de mim?” Pilatos respondeu que não era judeu, e tudo o que sabia era que as autoridades judaicas

⁴⁶ A palavra “nuvem” é freqüentemente mal compreendida. Para os judeus, o termo “céu”, e especialmente “céu dos céus”, não denota o nosso céu azul com a lua e o sol. Céu é a morada de Deus. Isto denota que é inacessível. “Céu dos céus”, um superlativo absoluto (o céu absoluto), faz isso. As nuvens, simplesmente denotam a impossibilidade de conhecer, penetrar o mistério. Elas são o “véu”. Pintores que retratam Jesus marchando nas nuvens estão grosseiramente enganados.

entregaram Jesus a ele. Repete então a questão, e desta vez Jesus dá uma resposta ambígua: “O meu reino não é deste mundo [então, não estou competindo com o imperador]; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus”. Pilatos ignorou essas sutilezas e insistiu: “Logo tu és rei?” (Era a única acusação pela qual ele poderia condenar Jesus.) Jesus, como já vimos, responde: “Tu o dizes! [nada tenho a dizer sobre este assunto.]” Ele então complementa: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.” Pilatos então faz uma última pergunta: “Que é a verdade?” Jesus não responde. Ele não tem ensinamentos para Pilatos. Mais uma vez encontramos uma espécie de escárnio oculto, um desafio ou provocação à autoridade. Jesus fala a Pilatos de uma maneira a não ser compreendido.

Nesta longa série de textos relatando os encontros de Jesus face a face com as autoridades políticas e religiosas, encontramos ironia, sarcasmo, não-cooperação, indiferença, e, algumas vezes, acusação. Jesus não fazia guerrilha. Ele era um opositor “na essência”.

3. Apocalipse segundo S. João

Agora iremos tentar ver qual foi a atitude das primeiras gerações de cristãos ao poder. Começaremos com o Apocalipse⁴⁷. Esse é um dos textos mais violentos, e segue os dizeres de Jesus, mas com grande severidade. Obviamente, o texto tem Roma em vista, mas não simplesmente a presença de romanos na Judéia. Em debate está o poder imperial central de Roma. Do começo ao fim do livro há uma oposição radical entre a majestade de Deus e os poderes e domínios da terra. Isso demonstra o quanto enganados estão aqueles que encontram continuidade entre o poder divino e os poderes terrenos, ou quem argumenta, que, sob uma monarquia, que um simples poder terreno deve corresponder ao Todo-Poderoso Deus que reina no céu.

Apocalipse ensina exatamente o oposto. O livro todo é um desafio ao poder político. Irei simplesmente mencionar dois grandes símbolos. O primeiro são as duas bestas. Isso remonta ao tema dos últimos profetas, que retrataram os poderes políticos de seu tempo como bestas. A primeira besta vem do mar. Provavelmente representa Roma, cujos exércitos vinham pelo mar. Lá tinha um trono que era dado à besta pelo dragão (caps 12-13). O dragão, anti-Deus, deu toda a autoridade à besta. Pessoas a adoram. Elas perguntam quem pode combatê-la. A ela é dado “poder sobre toda a tribo, e língua, e nação” (13:7). Todos que habitam na terra a adoram. O poder político dificilmente poderia ser descrito de melhor forma, pois esse é o poder que tem autoridade, que controla força militar, que compele à adoração (obediência absoluta). Essa besta é criada pelo dragão. Encontramos a mesma relação já vista entre o poder político e o *diabolos*. A confirmação desta idéia que a besta é o Estado pode ser encontrado no fato de que no fim do Apocalipse (cap. 18) a grande Babilônia (no caso, Roma) é destruída. A besta

⁴⁷ Ver meu *Apocalypse*, que mostra que o livro não são apenas dramas e desastres.

reúne todos os reis da terra para lutarem contra Deus e é finalmente esmagada e condenada após seu maior representante ser destruído primeiro.

A segunda besta emerge da terra. Especialistas têm criticado minha interpretação desta besta, mas eu a mantendo. Ela é descrita pelo seguinte. “E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada. E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia. E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome” (13:12-17). Ao meu ver, encontro aqui uma descrição exata da propaganda associada à polícia. A besta faz discursos que induzem as pessoas a obedecerem ao Estado, a adorá-lo. Isso lhes dá a marca que os permite viver na sociedade. Por fim, aqueles que não obedecerem à primeira besta são mortos.

Esse ponto é claro o suficiente, eu acho. Um dos principais instrumentos de propaganda romana era o estabelecimento do culto à Roma e ao imperador, com altares, templos, etc. Os reis judeus do período aceitaram isso. Esse é o porque do texto dizer que a besta saiu da terra. As autoridades locais nas províncias do Oriente próximo foram os promotores mais entusiastas do culto de Roma. Esse foi um tipo de poder que trabalha na inteligência e na credibilidade para obter obediência voluntária à besta. Mas não devemos esquecer que para os judeus que escreveram este texto o Estado e a sua propaganda são dois poderes que derivam do mal.

Meu segundo e último símbolo é a queda da Grande Babilônia no capítulo 18. Há uma concordância geral que a Babilônia representa Roma. Também é claro no texto que Roma é equiparada com o poder político supremo. Todas as nações beberam o vinho da fúria de seus vícios. A primeira característica interessante é que há a fúria ou a violência no mau. Todos os reis da terra são entregues ao adultério. Poder político é o clímax para os reis terrenos, todos repousam sobre ele. Comerciantes estão enriquecidos pelo poder da luxúria da Babilônia. O Estado é um meio pelo qual se concentra riqueza e enriquece seus clientes. Vemos o mesmo hoje na forma de trabalhos públicos e produção de armas. Poder político se alia ao poder do dinheiro. Quando Babilônia entra em colapso, todos os reis da terra lamentam e se desesperam, e os capitalistas caem em prantos. Uma longa lista então é dada de bens trazidos e vendidos em Roma, mas o interessante é que no fim da lista encontramos que a grande Babilônia trouxe e vendeu corpos e almas humanas. Se a referência fosse feita apenas a corpos, poderíamos pensar em escravos. Mas há uma referência mais geral à almas. O comércio escravista não é a questão aqui. A questão é que as autoridades políticas tem todo o poder sobre o povo. O prometido é a pura e simples destruição do governo político: Roma, para ser exato, não só Roma, mas poder e dominação de todas as formas. Essas coisas são

especificamente colocadas como inimigas de Deus. Deus julga o poder político, chamando-o de a grande meretriz. Não podemos esperar para ela justiça, verdade, nem nada de bom, apenas destruição.

Nesse ponto, como pode ser visto, estamos longe da rebelião de Jesus contra a colonização romana. Assim que os cristãos se tornaram mais numerosos e o pensamento cristão se desenvolveu, a visão cristã de poder político foi endurecido. Apenas um pensamento reducionista consegue enxergar essa passagem como dirigida somente contra Roma. O endurecimento pode ocorrer devido ao começo da perseguição, da qual o texto dá evidências, pois a grande meretriz “estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus.” “E nela [na grande cidade] se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (18:24). (A referência, claro, não é somente ao assassinato dos primeiros cristãos, mas de todos os justos.) Um ponto memorável é o citado em 20:4 que aqueles que foram mortos pelo testemunho de Jesus foram degolados. Eles não foram mortos na arena ou jogados aos leões, etc. O poder mata não somente cristãos, mas todas as pessoas justas. Essa experiência sem dúvida alguma fortalece a convicção de que o poder político deve ser condenado. Creio que entre os primeiros cristãos não houve outra posição. Nesse período, o cristianismo foi totalmente hostil ao Estado.

4.1 Pedro

Antes de estudarmos Paulo, devemos vislumbrar uma estranha passagem em uma epístola tardia, 1 Pedro 2:13, que nos exorta a “sujeitar-nos ao rei como soberano” e à “honrar ao rei”. Estranhamente, essa passagem nunca deu aos comentaristas qualquer dificuldade. Ao ver deles, a questão é bastante simples. O rei era o imperador de Roma. Isso é tudo. Baseando-se nisso, sermões eram pregados sobre obediência e submissão de cristãos às autoridades políticas. Curiosamente, em algumas Bíblias geralmente há referências cruzadas às palavras de Jesus que devemos dar a César o que é de César. Entretanto, essa linha de pensamento demonstra uma grande ignorância em relação às instituições políticas do período.

Primeiro, o líder do estado romano era o *princeps*. Esse era o termo para o imperador na época que os textos cristãos foram escritos. O período é historicamente conhecido como o principado. O *princeps* nunca foi chamado de rei (grego *basileus*). O título era oficialmente proibido em Roma. Temos que entender que Júlio César foi assassinado pela suspeita de que estava planejando restaurar a monarquia. Essa era uma razão suficiente. Augusto foi cuidadoso o bastante em evitar qualquer coisa desse tipo. Ele foi muito esperto, assumindo simplesmente simples títulos republicanos como “cônsul”, “tribuno do povo”, e “comandante em chefe” (*imperator*, que não deve ser traduzido “imperador”). Ele também tomou o título de “pontífice supremo”, exercendo funções religiosas. Todos esses eram títulos tradicionais da democracia romana. Augusto também tomou providências para abolir instituições “anormais”

que surgiram durante a guerra civil, como por exemplo, o triunvirato e o consulado permanente, e também se opôs a criação de uma ditadura. Tendo tomado todo o poder para si, se contentou com o título de *princeps* ou primeiro cidadão. Somente o povo era soberano, e este delegou seu poder ao *princeps*. Essa delegação era feita por um procedimento regular. Para evitar golpes militares, Augusto tinha a plenitude do poder atribuído pelo senado por um voto democrático. Ele então recebeu alguns títulos imprecisos, sem conteúdo legal, tais como “pai do país”, “guardião dos cidadãos (*servator civium*). Ele também era o *princeps senatus*, primeiro senador. Ele restaurou o funcionamento das instituições republicanas. Seus sucessores foram menos escrupulosos do que ele. Pouco a pouco eles estabeleceram o império, mas nunca de forma absoluta e totalitária. E eles nunca tomaram para si o título de “rei”. Eles evitaram expressamente qualquer referência a esse título ou qualquer atribuição desta a eles mesmo. Por isso o autor de 1 Pedro dificilmente tinha o imperador em vista nessa passagem.

Quero então fazer uma sugestão arriscada. O que segue é pura hipótese. Havia partidos políticos em Roma. Durante o século I um estranho partido evoluiu na base de uma filosofia global. A filosofia é a seguinte. Os impérios do mundo tinha uma vida cíclica. Um poder político nascia, crescia, alcançava seu ápice, e então, incapaz de avançar, inevitavelmente declina, entrando em um período de decomposição. Isso se aplicava a todos os impérios conhecidos. Então, se aplicava à Roma também. Muitos escritores do século I pensavam que Roma realmente havia alcançado seu ápice de poder. Ela governava da Espanha à Pérsia, da Escócia ao Saara e ao sul do Egito. Não poderia se expandir mais. Conseqüentemente, seu declínio começava. Após o período de glorificação e entusiasmo, como víamos em Virgílio e Lívio, veio então um período de pessimismo negro entre escritores e filósofos menos conhecidos. Deve ser dito também que a cada império que caiu (Egito, Babilônia ou Pérsia), outro surgiu e tomou seu lugar. Com toda probabilidade isso também iria acontecer com Roma. Os Arsácidas eram os únicos inimigos não conquistados de Roma, e eles estavam constantemente invadindo novos territórios. Um grupo, primeiro de intelectuais, depois de membros do governo, viam seriamente que o império romano seria substituído pelo império Arsáida. Alguns deles, entrando no ritmo da história, começaram a espalhar essa idéia e fundaram um partido que iria apoiar os Arsácidas.

Já os Arsácidas, por sua vez, eram governados por um rei. Alguns dizem que as súplicas estavam sendo feitas para o rei, isto é, o rei Arsáida, e que eles foram proibidos. Se admitirmos isso, e alguns historiadores, lógico, discutirem, o texto em 1 Pedro será visto sob uma nova ótica. Não há possibilidades em se honrar ao imperador chamando-o de rei, ou de estar suplicando ao rei de Roma! Mas Pedro refere-se duas vezes ao rei. Por que, então, ele não poderia ter o rei Arsáida em vista? Se for assim, a passagem é totalmente subversiva. Mas a referência nesse caso é somente ao poder político de Roma, e não ao Estado como tal, pois o autor está apoianto outro poder. Todavia, a passagem está de acordo com a atitude cristã geral, que está longe de ser de passividade ou obediência, e que podemos classificar de três maneiras.

1. Poderia ser uma atitude de escárnio, de recusa em reconhecer a validade do poder político, embora não de rejeição total.
2. Pode ser uma atitude de total repúdio do poder político.
3. Pode ainda ser uma atitude de condenação ao poder romano. Após a captura de Jerusalém pelos exércitos romanos, a destruição do templo, a supressão da autonomia do governo judeu, o massacre de milhares de judeus durante a guerra, e finalmente a supressão da igreja cristã em Jerusalém em 70 d.C., o ódio cristão ao poder político se foca claramente em Roma.

5. Paulo

Finalmente chegamos às passagens de Paulo. Primeiramente, devemos acertar o contexto geral cristão, para podermos então estudar os versículos. Embora eles (também!) sejam bem conhecidos, irei citá-los. Primeiro, temos Romanos 13:1-7: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação. Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela, visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal. É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do temor da punição, mas também por dever de consciência. Por esse motivo, também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo, constantemente, a este serviço. Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra”. Temos então Tito 3:1: “Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra”.

Esses são os únicos textos em toda a Bíblia que enfatiza obediência e o dever de obedecer às autoridades. É verdade que em outras duas passagens mostram que entre os cristãos da época houve uma contracorrente do que temos demonstrado. Em 2 Pedro 2:10, há uma condenação àqueles que “difamam autoridades” e em Judas 1:8 também condena-se os “sonhadores alucinados... rejeitam governo e difamam autoridades superiores”. Devemos enfatizar, entretanto, que esses são textos ambíguos. Qual autoridade eles tem em vista? Não devemos esquecer o constante lembrar que toda autoridade pertence a Deus.

Por fim, podemos adicionar 1 Timóteo 2:1-2: “Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, 2 em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito.”

Nestes textos paulínicos parecemos ter uma tendência que difere da que acabamos de

ver. Nossa próxima tarefa é levantar um problema completamente incompreensível (ou aliás! Apenas compreensível demais). A partir do século 3 d.C. a maioria dos teólogos simplesmente esqueceram tudo o que mostramos e se focaram somente nas declarações de Paulo em Romanos 13 e pregaram total submissão à autoridade. Eles o fizeram sem levar com conta (como fizemos) o contexto das declarações. Eles inclusive se fixaram em uma declaração em particular: “todo poder vem de Deus.” Esse foi o tema central de dezesseis séculos de cooperação entre a igreja e o Estado: *omnis potestas a Deo*. Alguns teólogos corajosos adicionaram o *per populum* (por meio do povo), mas foi um mero detalhe se comparado ao dever imperativo de obedecer ao poder que vem de Deus como se fosse o próprio Deus.

O curioso é ver como os teólogos se saiam quando o seu embaraço tinha a ver com os tiranos. Uma estranha casuística foi adotada para explicar que o poder vem de Deus apenas quando é recebido de uma maneira legal, legítima e pacífica, e exercido de uma maneira moral e regular. Mas isso não põe em questão o dever geral. Mesmo no tempo da Reforma, Lutero usou este texto nas revoltas camponesas para convencer os príncipes a esmagar a revolta. Como para Calvin, ele insistiu que os reis eram legítimos, exceto quando atacavam a igreja. Enquanto as autoridades permitissem que os cristãos livremente praticassem sua religião, elas não seriam culpadas. Ao meu ver, temos aqui uma incrível traição à visão cristã original, e a fonte desta traição é sem dúvida a tendência com respeito à conformidade e a facilidade de obedecer. Entretanto essa pode ser a única regra colhida de um vasto arranjar de textos, de que não há autoridade exceto vinda de Deus. Devemos agora tentar examinar as passagens paulínicas mais de perto.

Como no caso de todos os textos bíblicos (e todos os outros textos!) devemos recusar a destacar somente uma frase da linha total de raciocínio. Devemos por essa frase em no seu contexto geral. Vamos então, tomar o argumento de Paulo como um todo. Em Romanos 9-11 Paulo realizou um estudo detalhado das relações entre os judeus e cristãos. Um novo desenvolvimento que começa irá cobrir os capítulos 12-14, e no centro disso está a passagem que agora estudamos. Essa longa discussão começa com as palavras: “não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”. O comando geral e essencial de Paulo é de que não devemos ser conformistas, que não devemos obedecer às tendências, costumes e correntes de pensamento da sociedade em que vivemos, que não devemos nos submeter à forma dela, mas que devemos nos transformar, que devemos receber uma nova forma pela renovação da mente, ou seja, recomeçando, pela vontade de Deus e pelo amor. Seria um estranho começo se depois o apóstolo falasse em obediência às autoridades! Paulo então começa a falar lentamente sobre o amor: amor entre cristãos na igreja (12:3-8), amor pelas pessoas (12:9-13), e amor pelos inimigos (não se vingando, mas abençoando aqueles que perseguem), com uma exortação a mais para vivermos em paz com todos (12:14-21). A passagem sobre as autoridades vem em seguida. Então, todos os mandamentos resumem-se no mandamento do amor e de não fazer o mal aos demais (13:8-10). No capítulo 14 alguns detalhes são mostrados como a prática do amor (hospitalidade, não julgar os outros, ajudar os fracos, etc.).

Esta então, é a estrutura geral ou movimento no qual a passagem sobre autoridade ocorre. Parece tão estranho, tão fora de conjunto, nesse contexto todo, que alguns exegetas pensaram que poderia ser uma interpolação e que não foi o próprio Paulo quem escreveu. Ao meu ver, entretanto, creio que essa fala tem o seu lugar aqui e ela vem do apóstolo. Vemos que há uma progressão do amor de amigos para estranhos e então para os inimigos, e aí então a passagem ocorre. Em outras palavras, devemos amar os inimigos e, para esse fim, devemos até mesmo respeitar as autoridades, não as amando, mas aceitando suas ordens. Devemos lembrar que as autoridades atingiram o poder através de Deus. Sim, lembremos de Saul, um rei louco e mau, que atingiu o poder através de Deus. Isso certamente não significa que ele foi bom, justo ou louvável. Nessa mesma linha, um dos melhores comentaristas dessa passagem, Alphonse Maillot, relata isso diretamente no final do capítulo 12: “Não se deixe ser subjugado pelo mal, mas subjugue o mal com o bem. Deixe cada pessoa (portanto) ser sujeita às altas autoridades”. Em outras palavras, Paulo pertence àquela igreja cristã que, no começo, é por unanimidade, hostil ao Estado, ao poder imperial, às autoridades, e nesse texto, ele está então, moderando essa hostilidade. Ele está lembrando aos cristãos que as autoridades também são pessoas (não havia o conceito abstrato de Estado), pessoas como elas mesmas, que deveriam ser aceitas e respeitadas também. Ao mesmo tempo, Paulo demonstra uma grande retenção nesse conselho. Quando ele diz para pagar os tributos – impostos a quem impostos eram tributos – somos lembrados direitinho da resposta de Jesus quanto ao imposto. Muito mais audaciosamente, Jesus diz que não devemos respeito nem honra aos magistrados e às autoridades. O único que devemos temer é Deus. O único a quem é devida a honra é Deus. (No apêndice adicionarei dois dos melhores comentários à essa passagem).

Três pontos ainda exigem discussão. O primeiro não apresenta dificuldades. Já o vimos na realidade. É relacionado ao pagamento de impostos. Cristão não devem se recusar a pagá-los. Isso é tudo. O segundo é mais complicado: devemos orar pelas autoridades. Citamos a passagem na qual Paulo pede que uma prece seja feita pelos reis – o plural mostra que não podemos considerar isso como fizemos no caso de 1 Pedro, por aqueles com autoridades, pelo governo. Esse versículo confirma o que eu disse antes. Paulo está dizendo que devemos orar por todos. Incluindo os reis e aqueles nos altos escalões. Devemos orar até mesmo pelos reis e magistrados. Nós os detestamos, mas ainda devemos orar por eles. Ninguém deve ser excluído de nossas intercessões, do nosso apelo ao amor de Deus por eles. Isso pode parecer completamente maluco, mas conheci alguns cristãos que estavam na resistência contra Hitler, até mesmo ao ponto de tramar a sua derrubada, e mesmo assim engajados em orar por ele⁴⁸. Não podemos desejar a morte de inimigos políticos. Certamente a nossa oração não será como um Te Deum. Não será uma oração para que eles continuem no poder, que vençam batalhas, que eles durem. Será uma oração pelas suas conversões, que mudem a maneira que se comportam e agem, que renunciem à violência e à tirania, que se tornem confiáveis, etc. Devemos orar por eles e não contra eles. Na fé cristã, iremos também orar pela sua salvação (que obviamente não é a mesma coisa que a segurança de seu reino). Essa oração deve ser

⁴⁸ Não seria fora de contexto lembrar que os únicos a organizarem uma resistência a Hitler depois de 1936 foram os protestantes alemães da Igreja da Confissão.

feita mesmo que de um ponto de vista humano não haja esperança de mudança. Não podemos esquecer que essas passagens de respeito e oração foram provavelmente escritas no momento das primeiras perseguições sob Nero, ou logo após. Devemos ainda dizer aos cristãos, como Paulo o faz em Romanos 13, que mesmo que estejam revoltados com as perseguições, ainda que estejam prontos para se rebelar, mesmo assim, orem pelas autoridades. Sua única e verdadeira arma é se voltar para Deus, pois é só Ele quem dispensa a justiça suprema.

Chegamos agora ao ponto final. Não poderia fechar essas reflexões dessa passagem, que infelizmente deu uma guinada errada à igreja e ao cristianismo após o século III, sem relembrar um estudo de trinta anos atrás⁴⁹. A palavra usada nessa linha de pensamento era o grego *exousiai*⁵⁰, que podia significar autoridades públicas, mas que também no Novo Testamento tinha outro significado, sendo usada para poderes abstratos, espirituais, religiosos. Embora Paulo nos diga para lutar contra os *exousiai* celestes (cf. Efésios 6:12). É pensado, por exemplo, que os anjos são *exousiai*. Oscar Cullmann e Gunther Dehn concluem que, desde que a mesma palavra é usada ali, deve haver alguma relação⁵¹. Em outras palavras, o Novo Testamento nos leva a supor que o poder terreno e autoridades militares têm sua base na aliança com poderes espirituais, que não chamarei de celestiais, pois podem ser igualmente más e demoníacas. A existência desses *exousiai* espirituais explicaria a universalidade dos poderes políticos e o fato assombroso de as pessoas os obedecerem como se fossem evidentes. Essas autoridades espirituais poderiam então inspirar governantes.

Essas autoridades poderiam ser boas ou más, angelicais ou demoníacas. Autoridades terrenas refletem os poderes daqueles cujas mãos elas caíram. Podemos então ver porque Paulo em Romanos 13 refere-se às autoridades que atualmente “existem” como sendo instituídas por Deus e também o porque alguns teólogos protestantes diziam depois de 1933 que o governo de Hitler era “demonizado”, que tinha caído nas mãos de um poder demoníaco. Se digo isso, não é simplesmente porque quero dizer que a atitude da primeira geração cristã não foi unânime, que juntamente com a linha principal, conforme a qual o Estado deveria ser destruído, havia uma linha mais matizada (embora nenhuma exigisse obediência incondicional). O ponto principal para mim é quando Paulo em Colossenses 2:13-15 diz que Jesus venceu o mau e a morte, e também diz que Cristo “despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo”. No pensamento cristão, a crucificação de Cristo é a Sua verdadeira vitória sobre todos os poderes, tanto celestes quanto infernais (não estou dizendo que existem, mas expressando a convicção diária), pois somente Ele foi perfeitamente

⁴⁹ Ver O. Cullmann, *Heil als Geschichtsleiter* (Tübingen: Mohr, 1965); Tradução em inglês: *Salvation in History* (Naperville: Allenson, 1967).

⁵⁰ Para nós, aqui no Brasil, as “potestades” (N. do T.).

⁵¹ Ver ibid.; idem, *Christ and Time*, 3a ed. (London: SCM, 1962), pp. 193ff.; idem, *The State in the New Testament* (New York: Scribner's, 1956), pp. 93ff.; G. Dehn, "Engel und Obrigkeit: Ein Beitrag zum Verständnis von Römer 13, 1-7," in *Theologische Aufsätze für Karl Barth* (Munich: Christian Kaiser, 1936), pp. 90-109.

obediente à vontade de Deus, inclusive aceitando o escândalo de sua própria condenação e execução (sem entender totalmente isso: “Deus meu, por que me abandonaste?”) Embora Ele tivesse dúvidas sobre sua interpretação e missão, Ele não tinha dúvidas sobre a vontade de Deus e obedeceu perfeitamente.

Eu sei o quão escandaloso para não-cristãos é um Deus que ordena essa morte. Mas a questão real é: quão longe pode ir o amor? Quem amará a Deus tão absolutamente a ponto de perder-se? Este foi o teste (parado a tempo) para Abraão. Esse também foi o texto que provocou a raiva de Jó. Entretanto, somente Jesus obedeceu até o fim (Ele era totalmente livre para não obedecer!). Por essa razão, tendo amado além dos limites humanos, Ele roubou os poderes do poder deles! Demônios não tem mais o balanço. Não há *exousiae* independentes. Estão todas desde o começo sujeitas a Cristo. Podem se revoltar, claro, mas têm o avanço superado. Politicamente isso significa que as potestades que existiam dentro ou fora do poder político estão também vencidas. O resultado é que o poder político não é um tribunal final. É sempre relativa. Só podemos esperar disso o que é relativo e abrir o questionamento. Esse é o significado da declaração de Paulo e mostra o quanto temos que relativizar a (tradicionalmente absolutizada) fórmula de que não há autoridade exceto de Deus. Poder é de fato de Deus, mas todo o poder foi superado em Cristo!

Anexos

A interpretação de Romanos 13:1-2 por Karl Barth e Alphonse Maillot

Apresentarei aqui, de maneira sintética duas interpretações de dois importantes autores para demonstrar que os teólogos e as igrejas não são unâimes em interpretar essa passagem como uma verdade absoluta ao se tratar do Estado. Devemos reconhecer, lógico, que é uma passagem muito embarracosa.

1. Karl Barth

Em seu grande comentário sobre a Epístola aos Romanos, que foi seu manifesto teológico em 1919⁵², Barth começa sua explicação de Romanos 13:1 em diante ao concordar que a ordem é indispensável para sociedades e que instituições políticas são parte dessa ordem. Não devemos derrubar essa ordem errada ou arbitrariamente. A passagem, portanto, aconselha não-revolução, mas, também, ensina a intrínseca ilegitimidade das instituições. Toda ordem estabelecida, representa uma injustiça triunfante àqueles que procuram a ordem de Deus. A questão não é a qualidade má da ordem, mas o fato de que esta é estabelecida. É isso que fere o desejo de justiça. Nessas condições toda autoridade se torna uma tirania. Todavia, revolucionários são de fato dominados pelo mal. Por eles, também, clamam representar a justiça intrínseca. Fazendo isto eles usurparam uma legitimidade que irá também se tornar uma tirania (escrito em 1919!). O mal não é resposta para o mal. O senso de justiça que é ferido pela ordem estabelecida não é restituído pela destruição da ordem. Revolucionários tem em vista a possibilidade impossível: verdade, justiça, perdão dos pecados, amor fraterno, a ressurreição dos mortos. Mas eles alcançam outra revolução, a possibilidade possível do ódio, vingança e destruição. Eles sonham com a verdadeira revolução, mas lançam outra. O texto não favorece o que está estabelecido mas rejeita os inimigos humanos do que está. Somente a vontade de Deus é reconhecida como vitoriosa sobre a injustiça do que está estabelecido.

A exortação à submissão às autoridades é puramente negativa. Isso significa retirada, não participação, não se envolver. Mesmo se revolução sempre é uma condenação justa do que está estabelecido, isso não é desculpa para o ato dos rebeldes. O conflito no qual os rebeldes se lançam é o conflito entre a ordem de Deus e o que está estabelecido. Por fim, os rebeldes estabelecem uma ordem tal qual a que os precedia. Eles deveriam ser convertidos ao invés de rebelarem-se. O fato de que devemos nos submeter significa que não devemos nos esquecer o quanto errado é o cálculo político numa revolução. A revelação de Deus testemunha a verdadeira justiça. Não poderíamos atingir o que está estabelecido de melhor forma do que reconhecer que estamos aqui comandados. O Estado, a igreja, a sociedade, a justiça positivista

⁵² Karl Barth, *Der Romerbrieft*, 1a ed. (Bern: G. A. Baschlin, 1919); 2a ed. (Munich: Christian Kaiser, 1922); tradução inglesa da 2a ed., *The Epistle to the Romans* (London: Oxford, 1933; 6th ed. repr. 1980).

e a ciência, todos vivem com a credulidade, com o entusiasmo dos capelães e uma solene mistificação. Prive essas instituições de seu *pathos*⁵³ e elas morrerão por inanição. (Encontramos aqui a mesma orientação como a descoberta nas atitudes de Jesus). A não revolução é a melhor preparação para a verdadeira revolução (que para Barth é aquela da vontade de Deus e o reino de Deus).

Barth por fim vem ao texto, do qual tudo acima foi introdutório. Somente na aparência, ele diz, o texto fornece uma base para a ordem. Toda a autoridade, como tudo que é humano, é medido por Deus, que é ao mesmo tempo o começo e o fim, a justificação e a condenação, é o Sim e o Não. Deus é o único critério que nos permite compreender que o mal presente no cerne do que está estabelecido é realmente mal. Por isso não temos o direito de clamar a Deus a validação dessa ordem, como se Ele estivesse ao nosso serviço. Somente perante Deus que o estabelecido cai. O texto coloca o estabelecido na presença de Deus. É retirado do status quo todo o *pathos*, justificativa, ilusão, entusiasmo, etc. Muito livremente, Barth cita 12:10. Promover a justiça é o negócio de Deus. Se submeter, então, é reconhecer estrita e somente a autoridade de Deus. Por não dar atenção a isto por muitos séculos, as igrejas traíram a causa da humanidade ao deferir o Estado. A verdadeira revolução só pode vir de Deus. Revolucionários humanos dizem que podem trazer uma nova criação e criar uma humanidade nova, boa, fraternal, mas ao fazer isso, falham em ver que somente a justiça de Deus, e a questão que só o querer e a vontade dEle podem se opor à ordem humana estabelecida.

2. Alphonse Maillot

Embora não seja um teólogo à altura de Karl Barth, Maillot é um dos melhores comentaristas vivos da Bíblia⁵⁴. Ele oferece uma perspectiva diferente de Barth. Ele começa com uma questão muito perspicaz. Do começo ao fim de seus escritos, Paulo é contra o legalismo. Ele mostra que a Torá é marginal. A única lei é a do amor. O trabalho de Jesus é de libertação. Como pode Paulo, então, se tornar um legalista e um campeão da lei quando a questão são instituições sociais e políticas?

O que Paulo mostra é que por um lado a estrutura política não está fora da vontade de Deus, e essa não pode nos impedir de obedecer a Deus. Se o Estado ameaça nos enredar no mal, devemos então rejeitá-lo. Paulo rejeita todo maniqueísmo, todo dualismo. Não podem existir um mundo no qual existam coisas que não estejam nas mãos de Deus. Governantes, magistrados, etc. – estão, também, nas mãos de Deus, a despeito de suas pretensões.

Paulo também fala das autoridades que existem atualmente. Ele se refere, diz Maillot, àquelas de seus dias. Ele não legisla para toda a História. O dever dos cristãos é testemunhar

⁵³ Do original em inglês *Pathos*, uma palavra grega que significa paixão, excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento e assujeitamento. No contexto aqui usado por Ellul, creio se tratar do último significado, do assujeitamento das pessoas às instituições. (N. do T.)

⁵⁴ Alphonse Maillot, *L'Epître aux Romains* (Geneva: Labor et Fides, 1984).

o que eles acreditam ser verdade. Isso porque acreditamos que as autoridades estão nas mãos de Deus que temos a possibilidade (raramente utilizada) de dizer a elas o que pensamos ser justo. Se Paulo também nos diz que devemos obedecer, não por coação, mas por uma questão de consciência, isso significa que a nossa obediência não pode ser cega ou resignada. A consciência pode nos levar a desobedecer, obedecendo mais a Deus do que aos humanos, como Pedro diz (Atos 5:29). Isso poderia acontecer por razões que os políticos não podem entender⁵⁵.

Por fim, o ponto mais importante de Maillot é o seguinte. Paulo escreve isso quando ele já havia sido preso várias vezes. Ele não usa os políticos como coro. Ele seria em pouco tempo executado pelas autoridades romanas. Sua vida difícil e morte “deslegalizam” o capítulo 13.

Maillot também coloca o capítulo no contexto geral da epístola, mas num modo diferente do meu, pois ele cobre um campo mais vasto. Ao seu ver, a carta num todo busca mostrar o movimento da salvação de Deus da retidão na história humana. Paulo quer demonstrar isso em todo aspecto da realidade humana. A igreja e Israel (sobre o qual Paulo fala previamente ao capítulo 13) não são os únicos a fazer história. Existem também a política e a sociedade humana. Paulo busca mostrar que a *polis* também é parte do plano de Deus, que não é alienada à Sua vontade, que essa pode ter uma participação na salvação. Parece, diz Maillot, que o encontro entre cristãos e não-cristãos era inevitável quando um magistrado pagão tornava-se cristão. Pode alguém ser um juiz e um cristão, ou um coletor de impostos e cristão? Paulo de fato fala a membros da guarda pretoriana (Filipenses 1:13) e à casa de César (4:22). Sem dúvida, com as tarefas que tinham que realizar esses oficiais romanos que também eram cristãos tiveram que enfrentar dificuldades espirituais!

Maillot também enfatiza concretamente o que apontamos antes, a oposição geral dos primeiros cristãos ao poder. Paulo, então, quis “compensar”. Estruturas civis, os magistrados, e até mesmo Nero estavam integrados no dinamismo da justiça de Deus, embora não do mesmo modo do que Israel e a igreja. Afinal, eles não originavam do Diabo, mas de Deus. Cristãos, então, não deveriam repudiá-los. Ao mesmo tempo, Paulo não está respondendo à questão apresentada pelo regime que dá dicas sobre o demônio. Seu ponto é que os magistrados deveriam apoiar o bem. Se, então, se tornassem apoiadores flagrantes do mau, deveríamos rever nossa relação a eles. Em qualquer caso, obediência verdadeira não é uma mera cópia de outra obediência!

Objetores conscientes

Sendo assim, tenho investigado os textos bíblicos que expressam, como eu disse, a opinião ou a orientação da primeira geração cristã. Não temos aqui simplesmente opiniões ou testemunhos individuais, e não podemos esquecer que estes textos tornaram-se “escrituras sagradas” apenas uma vez que foram considerados como tal pela maioria na igreja (não por

⁵⁵ Numa breve síntese Maillot demonstra que uma lei militar de objeção consciente é absurda. É uma contradição de termos. Objetores estão obedecendo a consciência; a lei militar busca o bom funcionamento da máquina militar. Não pode haver entendimento mútuo.

um conselho, mas por um consenso das bases). Devemos agora dar uma olhada na aplicação dessas orientações pelos cristãos que, nos três primeiros séculos, tornaram-se “cidadãos rebeldes”⁵⁶.

Antes de estudar o ponto principal do conflito, a questão da objeção consciente, precisamos primeiramente olhar alguns fatores, de forma alguma, negligenciáveis. No século II, Celsus, em seu Palavra Verdadeira, entre outros críticos do cristianismo, descreveu os cristãos como inimigos da raça humana. Ele assim o fez porque estes se opunham à ordem romana, à *Pax Romana*. Isso significava que os cristãos odiavam a raça humana, que era organizada por Roma.

Posteriormente, quando o cristianismo deixou de ser uma pequena seita e se tornou uma religião agressiva, cristãos eram acusados de enfraquecer o império pelo seu desprezo pelos magistrados e líderes militares. Essa foi uma das reclamações de Juliano, o Apóstata. Foi culpa dos cristãos que a organização de Roma foi desmoronando e que o exército romano estava perdendo muitas batalhas nas fronteiras. Juliano lançou um argumento que não nos parece muito válido hoje, isto é, que cristãos levavam o povo a não mais respeitar e servir os deuses tradicionais das cidades, e esses abandonaram Roma, então agora, Roma estava em decadência. Retornem aos antigos deuses e Roma recobrará sua grandeza. Podemos ignorar esse argumento, mas o que historiadores do fim do império concordam entre si é que os cristãos não estavam interessados em problemas políticos ou aventuras militares.

Haviam dois lados nisso. Por um aspecto, por séculos, intelectuais romanos estiveram apaixonadamente interessados na lei e não organização da cidade e do império. Mas depois do século III, estavam apaixonadamente interessados em teologia. Por outro lado, cristãos não estavam dispostos a serem magistrados ou oficiais. Sendo que o cristianismo avançava nas classes sociais mais baixas – e se espalhava primeiramente entre os pobres da cidade, fossem homens livres ou escravos – isso não era grande problema. Entretanto quando começou a fazer incursões entre os ricos e na classe governante, a deserção se tornou séria. Vários documentos mostram o quanto difícil se tornou recrutar *curiales* (prefeitos) para as cidades, governantes para as províncias e oficiais militares, pois os cristãos se recusavam a ocupar esses cargos. Eles não estavam preocupados no destino da sociedade. Quando o imperador tentou forçá-los a se tornarem *curiales*, muitos deles preferiram se retirar para suas segundas casas no campo e viver como proprietários de terras. Assim como no exército, onde o imperador teve que recrutar oficiais estrangeiros (bárbaros). Alguns historiadores modernos acham que essa deserção geral dos cristãos foi uma das mais importantes causas para o declínio de Roma no século IV em diante.

Voltamos agora às primeiras práticas cristãs no século III. Este foi dominado pelo pensamento de Tertúlio, que, a igreja e o império eram necessariamente anti-cristãos e portanto hostis a Deus, parece ser um dos primeiros campeões da objeção consciente total. Uma de suas melhores frases é que o César seria cristão, se fosse possível de existir um

⁵⁶ Nesta seção estou simplesmente resumindo o excepcional trabalho de Jean-Michel Hornus, *It Is Not Lawful for Me to Fight: Early Christian Attitudes Toward War, Violence, and the State* (Scottdale, PA: Herald, 1980).

César cristão, ou se César não era necessário para o mundo (o mundo no Novo Testamento sentiu como um compêndio do que é hostil a Deus). Dito isso, o ponto principal no qual a oposição se expressou (além de se recusar a adorar o imperador) foi o serviço militar.

Historiadores tem freqüentemente debatido este problema do serviço militar. Algumas inscrições mostram que existiram soldados cristãos, mas apenas uns poucos (e esses talvez recrutados). É praticamente certo que após 150 d.C. soldados que tornaram-se cristãos fizeram tudo o que podiam para deixar o exército, e cristãos também não se alistavam. O número de soldados cristãos cresceria na segunda metade do século III, apesar da desaprovação das autoridades da igreja e de toda a comunidade cristã⁵⁷. Mas, mesmo que tivessem mais soldados cristãos, eles ainda causavam problemas. Um soldado se recusou a colocar a coroa de louros em uma cerimônia, em outra ocasião, Diocleciano fez um sacrifício com o objetivo de conhecer o futuro (*haruspice*), e quando o sacrifício falhou, alguns cristãos foram os culpados, pois fizeram o sinal da cruz. Alguém poderia dizer que o serviço militar se tornou um fato por volta de 250 d.C., mas através do recrutamento, não por escolha. No fim do século II a ênfase foi colocada no exemplo dos soldados mártires, ou seja, aqueles que foram recrutados à força mas se recusaram em absoluto a servir, e foram mortos por isso. Isso aconteceu em tempos de guerra. É registrado que alguns soldados que eram escolhidos para executar seus companheiros repentinamente se convertiam e largavam suas espadas. Diversos exemplos são dados por Lacantio e Tertuliano.

É possível então, falar sobre um antimilitarismo cristão massivo. A *Tradição Apostólica* de Hipólito, uma coleção oficial de regras da igreja no começo do século III, diz que aqueles que tinham o poder da espada, ou os que eram magistrados nas cidades tinham que deixar seus cargos ou seriam desligados da igreja. Se catecúmenos ou crentes queriam se tornar soldados, deveriam ser desligados da igreja, pois estavam desprezando Deus. Nessas condições o número de cristãos que eram executados aumentou, o período de perseguição em massa começou, e o que viria a ser conhecido como os “soldados santos” foi criado.

Uma ligeira mudança veio com o Concílio de Elvira, em 313, que apenas deliberou que aqueles que tinham um cargo pacífico na administração não teriam permissão de entrar na igreja enquanto exercesse o cargo. O que era condenado era toda participação no poder que implicasse em coerção. Nesse tempo também (cerca de 312-313), aconteceu a conversão de Constantino. Embora a lenda seja familiar, sua conversão provavelmente tenha sido uma jogada política. Devido aos seus números, cristãos se tornaram agora uma força política que não podia ser negligenciada, e Constantino precisava de todo o apoio para ganhar poder.

A população em geral assim como os intelectuais e a aristocracia estavam abandonando as antigas religiões. Havia um vazio religioso, e Constantino soube como explorar isso. Ele adotou oficialmente o cristianismo, e, ao fazer isso, armou uma armadilha para a igreja, que prontamente se deixou cair, sendo conduzida em grande parte por uma hierarquia traçada pela aristocracia. Alguns teólogos tentaram resistir. Ao fim do século IV, Basil disse que matar em uma guerra era assassinato e que os soldados que estivessem em combate deveriam ter a

⁵⁷ Ver E. A. Ryan, Christians, "The Rejection of Military Service by the Early" *Theological Studies* 13 (1952) 1-32.

comunhão recusada por três anos. Como a guerra era permanente, isso significava excomunhão permanente. Mas isso agora era o ponto de vista de um pequeno corpo de resistência. O fato é que o cristianismo se tornou a religião oficial, e as igrejas que recebiam grandes privilégios, ganhavam os maiores líderes.

No Sínodo de Arles, em 314, convocado pelo próprio imperador, o ensino sobre os serviços administrativos e militares foram completamente revertidos. O terceiro artigo do conselho excomungava soldados que recusavam o serviço militar ou que se amotinavam. O sétimo artigo permitia que cristãos se tornasse oficiais do estado, requerendo apenas que não tomassem parte em atos pagãos (por exemplo, adorar ao imperador), e que observassem à disciplina da igreja (se abstendo de toda violência mortífera, por exemplo). Alguns expositores acham que o Concílio de Arles proibia matança, mas se assim for, é difícil ver qual seria o papel dos soldados. Na realidade o Estado começou a dominar a igreja e obter desta o que era uma básica contradição do seu pensamento original. Com esse concílio, o movimento antiestatal, antimilitarista e, podemos agora dizer anarquista do cristianismo chegou ao fim.

Testemunho: sacerdote e anarquista

Por vinte anos servi como um sacerdote e pastor em uma paróquia de 2000 habitantes. Eu também trabalho três dias por semana em uma companhia metalúrgica. Sou conhecido por muitas pessoas aqui como anarquista. Sou questionado como consigo conciliar minhas posições como cristão e anarquista. Eu apenas não sinto oposição entre minha fé cristã e minhas convicções anarquistas, mas meu conhecimento de Jesus de Nazaré me impele para o anarquismo e me dá coragem para praticá-lo.

“Sem Deus, sem Mestre” e “Creio em Deus Pai Todo Poderoso” – essas duas convicções eu mantengo com toda sinceridade. Ninguém pode ser mestre dos outros no sentido de ser superior. Ninguém pode impor sua vontade aos outros. Não reconheço nada a não ser Deus como o Mestre supremo.

Rejeito toda hierarquia humana. Jean-Paul Sartre expressou muito bem o valor único de todo ser humano quando disse que um ser humano, não importa quem, tem o mesmo valor que todos os outros. Antes de Sartre, Jesus não fez distinção entre as pessoas. Os que estavam no poder ficaram desconcertados com sua atitude e quiseram sua morte. Disseram a Ele: “ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens” (Mateus 22:15). A vida humana transcende todas as leis que tentam organizar a sociedade. Mateus, Marcos, Lucas e João estão cheios de histórias de confrontos entre Jesus e as autoridades porque ele violou a lei preocupado com as vidas individuais.

É nesse espírito que coletamos um número de assinaturas em favor da liberdade de

movimento, declarando que Elena Bonner⁵⁸, esposa de Sakharov⁵⁹, deveria ser autorizada a ir para o ocidente se ela julgasse ser necessário para sua saúde, e o povo no sul deveria ser livre para ir a países do norte se achasse isso vitalmente necessário.

Rejeito a hierarquia entre nós e Deus. Deus, ao menos o Deus que Jesus chama de Pai e o qual ele nos diz para chamar de Pai, nunca nos é apresentado como um Mestre que impõe sua vontade a nós ou que se refere a nós como inferiores. Para Jesus não há relação hierárquica entre Pai e Filho. Ele diz: “Eu e o Pai somos um. . . ó Pai, o és em mim, e eu em ti” (cf. João 10:30; 17:21).

Pessoas religiosas que apenas conseguem pensar em termos de rivalidade, superioridade, igualdade e inferioridade deste modo trazem contra Jesus a acusação de que Ele estaria se dizendo igual a Deus. Eles são incapazes de imaginar que um homem, Jesus, pode ser Deus com o seu Pai, e a vocação de todos nós é ser Deus com o Pai. O autor do Gênesis (para se referir à Bíblia) encontra nossa falha humana nessa atitude de querer nos tornarmos como deuses conhecendo o bem e o mal ao invés de ser com Deus no prazer de viver e de criar a vida. Essa atitude daqueles que estão preocupados com si mesmos e sua posição social engendram todo tipo de infelicidade. Somos deixados sozinhos, nus e desprezados, nos acusando mutuamente, nos fadigando, na criação e procriação semeando morte, lutando pela dominação ou aceitado a dominação com medo.

Os profetas incessantemente nos dizem para viver em concordância com Deus, mas sob o oscilar das autoridades preferimos nos afirmar atacando os outros. Veja em 1 Samuel 8 na Bíblia. Os anciãos de Israel dizem a Samuel: “Dá-nos um rei, para que nos julgue”. Deus então disse a Samuel: “Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado, para eu não reinar sobre eles”. Samuel então diz ao povo o que Deus disse: “Este será o costume do rei que houver de reinar sobre vós; ele tomará os vossos filhos, e os empregará nos seus carros, e como seus cavaleiros, para que corram adiante dos seus carros. E os porá por chefes de mil, e de cinqüenta; e para que lavrem a sua lavoura, e façam a sua sega, e fabriquem as suas armas de guerra e os petrechos de seus carros. E tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. E tomará o melhor das vossas terras, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais, e os dará aos seus servos. E as vossas sementes, e as vossas vinhas dizimará, para dar aos seus oficiais, e aos seus servos. Também os vossos servos, e as vossas servas, e os vossos melhores moços, e os vossos

⁵⁸ Ativista dos direitos humanos na extinta URSS. Serviu na Segunda Guerra Mundial como enfermeira, sendo ferida duas vezes em batalha. Em 1994, indignada com o que ela chamou de “genocídio do povo chechênia”, abandonou a Comissão de Direitos Humanos de Boris Yeltsin, e tornou-se uma crítica pública da política militarista russa e do estilo KGB de governo do Kremlin sob a tutela de Vladimir Putin. (N. do T.)

⁵⁹ Físico nuclear da extinta URSS, denunciou os gulags, os internamentos arbitrários e outras violações da Constituição Soviética e dos Direitos Humanos. Sua obra A Liberdade Intelectual na URSS e a Coexistência Pacífica", publicada no estrangeiro em 1967, deu-lhe um lugar destacado na oposição ao regime. Em sua memória a União Européia instituiu o Prêmio Sakharov para destacar pessoas que lutam pela defesa dos direitos humanos e liberdade de expressão. Este prêmio é atribuído desde 1988. (N. do T.)

jumentos tomará, e os empregará no seu trabalho. Dizimará o vosso rebanho, e vós lhe servireis de servos. Então naquele dia clamareis por causa do vosso rei, que vós houverdes escolhido; mas o SENHOR não vos ouvirá naquele dia”.

Eu acredito em Deus, por que? Eu acredito em um Deus, e este Deus é um homem, Jesus. Muitos dizem que Ele está morto. Eu respondo que está vivo. Eu tenho uma prova decisiva e irrefutável. Crendo em Jesus vivendo comigo, tenho gosto pela vida, e em momentos que esqueço sua presença não tenho mais vida ou qualquer moralidade. Naturalmente eu escolho viver. Jesus então, é Deus para mim, para que eu possa viver.

No capítulo 8 de *Filosofia da Miséria* eu posso entender Pierre-Josephh Proudhon muito bem. Ele tinha em vista apenas o Deus que era o Ser Supremo e que nos dominava. Ele só poderia negar esse Deus, pois esse Deus só o impedia de viver. Ele disse que se esse Deus existisse, Ele seria “necessariamente hostil à nossa natureza humana. Ele realmente se torna alguma coisa? Eu não sei, nunca o conheci. Se algum dia eu devo me reconciliar com Ele, essa reconciliação, que é impossível enquanto eu viver, e na qual tenho tudo a ganhar e nada a perder, só poderá vir em minha destruição”.

A futilidade das filosofias e teologias. Aceitar ou rejeitar a existência de Deus não é importante. O que conta é ter o gosto e a alegria que a vida dá. A discussão dos filósofos e teólogos que tentam provar que estão certos, e dizer que são grandes pensadores, são todas fúteis.

Com Paulo de Tarso em 1 Coríntios 3 mantenho os argumentos de que os argumentos dos sábios não são nada, são vãos. Eles são pegos na armadilha de sua própria esperteza. Tanto que um homem como Sócrates teve que morrer em respeito à democracia a qual ele cogitava. Com João, um amigo de Jesus, em 1 João 4, eu acho que não há nada que possamos dizer sobre Deus. Ninguém nunca o viu. Devemos simplesmente nos amar, o amor vem de Deus, e aqueles que amam são nascidos em Deus e conhecem Deus. Os que não amam não conhecem a Deus, pois Ele é amor. Se as pessoas dizem que amam a Deus e odeiam seu irmão, eles são mentirosos. Se pessoas ricas vêm um irmão em necessidade e recusam-se a ter piedade, quanto amor pode ter nelas?

Creamos em Jesus. O reconhecemos como nosso Deus e assim O chamamos. Isso não é porque vemos nEle qualidades divinas: onipotência, transcendência, eternidade, etc. É por causa da atitude dEle de amar aos outros, que nos leva a viver do mesmo jeito e nos dá gosto pela vida.

Pela revolução – qual? Não posso condenar os oprimidos que se revoltam, pegam em armas e mergulham na violência, mas eu acho que sua revolta é ineficaz como uma revolução real. Os oprimidos serão esmagados por aqueles no poder, ou se alcançarem o poder eles adquirirão um gosto pelo poder pelas armas e se tornarão então novos opressores, então tudo terá que ser feito de volta.

Para uma verdadeira revolução temos que encontrar a moralidade que significa agir para remover a fonte de toda violência: o espírito de hierarquia e medo; o medo que governantes não são capazes de viver a não ser que governem, o medo que os força à violência para

manter suas regras; o medo que também os governados sentem, que eles não podem viver a não ser que derrubem seus mestres, o medo que os impele a aceitar a violência com a qual eles sofrem. O oprimido tenta compensar ao se focar em governar sobre outros, sempre ao custo da violência em um ciclo infernal de revolta e opressão.

No espírito de Jesus combatemos a violência ao atacar o medo. Jesus diz ao oprimido: se alguém lhe bater na face direita, ofereça a outra. Ele então procura nos libertar do medo da violência dos opressores. Ele mesmo, livre do medo, ao receber um golpe não ofereceu a outra face, mas pediu uma explicação: “Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres?” (João 18:23). Ele não tem medo da morte à qual eles irão sujeitá-lo.

Jesus também diz que se alguém pegar nosso casaco, devemos dar nosso manto também, e se alguém nos faz caminhar uma milha, devemos ir duas. Ele quer que o oprimido livre-se do medo de não ser capaz de viver sem um mestre. Eles então serão capazes de fazer o que ele diz, tratando os mestres como hipócritas, como um bando de víboras, até que eles não possam mais manter seu espírito de dominação (Mateus 23). Mestres estão sempre orgulhosos de si mesmos enquanto dominam. Devemos então fazê-los ver sua baixeza e eles abandonarão sua posição, pois ninguém pode viver quando se é desprezado.

Gandhi, Lanza del Vasto, Lech Walesa e Jesus. É errado apresentar Gandhi como um campeão da não-violência tal qual Jesus. Gandhi usou a não-violência, mas apenas para estabelecer o poder opressivo do estado Indiano. Ele usou contra o poder britânico que era superior, mas usou armas de guerra contra os mais fracos. Com os líderes da Índia, seus discípulos, ele mandou a polícia contra o grupo que queria assassiná-lo. No dia de Natal ele apelou para a guerra contra os Sikhs que queriam a independência do Punjab. Seus bons pensamentos mascaram a violência que está no coração de todo líder.

Além disso, a não-violência de Jesus é muito diferente da de Lanza del Vasto⁶⁰ e, mais recentemente, a de Lech Walesa. Esses dois temiam a violência e queriam limpar o mundo desta. Eles recusaram atacar um poder opressivo e então trouxeram à luz a violência deste. Em 1976 Lanza del Vasto, enfrentando violência, prudentemente nos alerta para sermos gentis e não responder. Medo da violência o levou a aceitar a violência do poder nuclear. Podemos admirar o forte movimento da Solidariedade que Lech Walesa lançou na Polônia. Infelizmente, ele manteve os freios no movimento de libertação. Porque aqueles que estavam no poder reagiram violentamente e com derramamento de sangue, ele não permitiu certas demonstrações. Então, a violência diária do Estado continuou por muitos anos.

Em contraste, Jesus procura uma paz que ultrapassasse o conflito e a provocação. Ele tem a consciência de que ao tomar o lado do oprimido Ele automaticamente irá trazer a violência para cima de Si. Jesus não se diminui, pois em sua relação com o Pai Ele encontra a força para fazer sua escolha. Ele não poderia viver de outra maneira: “Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á” (Mateus 16:25).

Ao não respeitar seus oponentes, Lanza del Vasto recusou a denunciar a renúncia deles

⁶⁰ Lanza del Vasto (1901-1981) – foi filósofo, poeta, artista e ativista da não-violência. Foi um discípulo de Gandhi que agiu mais no ocidente. Esteve na Argentina pelos idos de 1965, proferindo palestras na Universidade Nacional de La Plata.. (N. do T.)

de toda a responsabilidade em obedecer as ordens de superiores. Jesus, entretanto, trata seus inimigos de uma maneira que o permite redescobrir suas personalidades humanas. Lanza del Vasto faltou com respeito aos companheiros. Ele não pensou que eles poderiam assumir responsabilidades ou calcular os riscos que estavam assumindo. Já Jesus alerta seus amigos das dificuldades, mostra a eles no que estão envolvidos, e os permite fazer suas próprias escolhas.

Álvaro Ulcué Chocué e Jesus. Em nossos dias vejo pessoas se misturando à história desses que eram animados por um espírito católico (i.e., universal), encontrando irmãos e irmãs em todos. Entre eles existem alguns que dizem ver Deus em Jesus de Nazaré. Eles vêem que Ele não pretende ser superior aos outros mas que no amor por todos Ele toma o partido do oprimido contra opressores, trabalhando para destruir toda hierarquia, todo poder de alguns sobre os outros.

Um texto publicado em março de 1985 fala sobre Álvaro Ulcué Chocué, o único padre indígena na Colômbia, assassinado em novembro de 1984. Sua irmã foi morta pela polícia em 1982. Antes de sua morte em uma ocasião sobre violência institucionalizada, Chocué desafiou os cristãos: “O que estamos fazendo? Estamos assistindo como espectadores, e aprovando através do nosso silêncio, pois temos medo de proclamar o evangelho de uma maneira radical”.

O texto continua ao dizer que cristãos da paróquia de Bozel e Planay, com o seu sacerdote, tendo analisado a situação mundial como ela é, rejeita a violência dos Estados. Eles foram levados a ver e denunciar a prática das taxas de juros como a causa essencial da violência. Alguém poderia quase dizer que essa é uma forma de assassinar aqueles que estão morrendo de fome. Eles denunciam especialmente o orçamento militar e a venda de armas. Também se opõem a violência policial, que sujeita o pobre e os oponentes ao poder governante, por exemplo, através de prisões, torturas, etc. Ele chamam seus bispos e demais comunidades cristãs para se juntarem à rejeição desse Estado violento. Esperando por uma resposta, eles expressam aos demais sua união em Jesus.

Para fortalecerem suas ações, acredito que cristãos e anarquistas fariam bem em se conhecerem melhor. Se libertários publicarem esse artigo, isso acontecerá talvez porque eles tem um espírito mais aberto que os católicos, os quais o nome realmente significa: “aberto a todos”.

Adrien Duchosal

Conclusão

Ao escrever essas páginas, me perguntava com alguma ansiedade se leitores anarquistas teriam paciência para ler longas análises de textos bíblicos, se isso seria enfadonho ou irritante, se eles veriam algum uso, tendo o fato de que eles necessariamente não vêem a Bíblia diferentemente de outro livro, ou a possibilidade desta carregar a Palavra de Deus. Afinal, isso era parte do meu assunto. E tive que fazer isso tão bem quanto opor as idéias fixas do cristianismo. Isso é muito necessário no caso dos cristãos e dos anarquistas.

E agora, como eu concluo um livro desse tipo? Me parece ser importante somente como um aviso aos cristãos (e como cristão, eu não tenho o desejo de me intrometer em grupos anarquistas). Ao meu ver, o que aprendemos primeiro é que devemos rejeitar totalmente espiritualização cristã, qualquer fuga para o paraíso ou à vida futura (na qual eu acredito, graças à ressurreição, mas a qual não desculpa qualquer fuga), qualquer misticismo que despreze as coisas na terra, pois Deus não nos colocou aqui por nada, mas com um dever que não temos o direito de recusar. Todavia, como cristãos envolvidos, devemos evitar cair nas armadilhas da ideologia dominante do dia. Como já disse antes, a igreja era monarquista com os reis, imperialista com Napoleão e republicana com a República; e agora a igreja (ao menos a Protestante), está se tornando socialista na França. Isso acontece contrariando a orientação de Paulo, isto é, que não devemos nos conformar com as idéias do mundo atual. Essa é uma primeira área na qual o anarquismo pode formar um feliz contrapeso à flexibilidade conformista dos cristãos.

No mundo ideológico e político, isso é um tampão.

Naturalmente, cristãos podem ser firmemente de direita, a direita atual, o que temos visto a direita se tornar. A direita republicana da Terceira República tem algum valor⁶¹. Esse não é o problema. A direita agora se torna o triunfo bruto do hiper-capitalismo ou fascismo⁶². Não há outro. Isto está fora, mas assim está o marxismo dos avatares do século XX. Um cristão não pode ser stalinista depois das experiências de Moscou, o horrível massacre de anarquistas por comunistas em Barcelona, o pacto Alemão-soviético, a aproximação prudente do Partido Comunista ao marechalismo em 1940, e a sua conduta após 1944, no momento em que nossos pastores ousados estavam descobrindo as belezas do comunismo stalinista. O anarquismo tem sido mais claro e nos põe em guarda. Talvez possamos ouvir a lição hoje.

Por fim, o anarquismo pode ensinar aos pensadores cristãos a ver a realidade de nossas sociedades a partir de um ponto de vista que não seja o do Estado. O que parece ser uma das grandes desastres da nossa era é que parecemos todos concordar que o estado-nação é a regra. É assustador ver que isso é, por fim, mais forte quer as revoluções marxistas, as quais

⁶¹ Conforme o excelente livro de André Tardieu (que era de direita), *Le souverain captif* (1934), no qual ele denuncia a ilusória soberania do povo.

⁶² Trabalhei a relação entre liberalismo e fascismo em um longo artigo “*Le Fascisme, fils du libéralisme*” *Esprit* 5/53 (1 Fev, 1937).

todas preservaram uma estrutura nacionalista e governo de Estado. É assustador pensar que um desejo de cisão como o de Makhno foi afogado em sangue. Seja o Estado marxista ou capitalista, não há diferença. A ideologia dominante é a da soberania nacional. Isso faz a construção de uma Europa unida digna de riso. Uma Europa assim não é possível a não ser que os Estados renunciem sua soberania. O nacionalismo estatal invadiu o mundo todo. Até os povos africanos, quando descolonizados, apressaram-se em aceitar essa forma. Esta é uma lição que o anarquismo pode ensinar aos cristãos, e é muito importante.

Preciso continuar? Eu disse no princípio que não estaria tentando cristianizar anarquistas nem proclamar uma orientação anarquista como primária para cristãos. Não devemos igualar anarquia e cristianismo. Nem irei adotar a teoria do “mesmo objetivo” que já foi usada para justificar a ligação entre cristãos e stalinistas. Somente desejo que seja determinado que há uma orientação geral que é comum aos dois e perfeitamente clara. Significa que estamos lutando a mesma batalha do mesmo ponto de vista, embora sem confusão ou ilusão. O fato de que enfrentamos os mesmos adversários e os mesmos perigos não é pouca coisa. Mas também assistimos o que nos separa: de um lado, a fé em Deus e Jesus Cristo com todas suas implicações; do outro, como já enfatizei, a diferença na nossa avaliação da natureza humana. Não pretendo ter nenhuma outra intenção ou desejo nesse pequeno ensaio.